

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E  
EDUCAÇÃO

**DÉBORA COSTA NUNES**

**ARTES DE VIVER: BAIRRO PATRIMÔNIO EM UM CIRANDAR DE SENTIDOS  
ARTICULADOS A PARTIR DO PROJETO REDUTO NEGRO**

UBERLÂNDIA, 2023

DÉBORA COSTA NUNES

**ARTES DE VIVER: BAIRRO PATRIMÔNIO EM UM CIRANDAR DE SENTIDOS  
ARTICULADOS A PARTIR DO PROJETO REDUTO NEGRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Mônica Brincalpe Campo

UBERLÂNDIA, 2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

N972  
2023

Nunes, Débora Costa, 1988-  
Artes de Viver: [recurso eletrônico] : bairro  
Patrimônio em um cirandar de sentidos articulados a  
partir do projeto Reduto Negro / Débora Costa Nunes. -  
2023.

Orientador: Mônica Brincalepe Campo.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de  
Uberlândia, Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e  
Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.595>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Campo, Mônica Brincalepe, 1965-,  
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-  
graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III.  
Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



## ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologia, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, número 14/2023/163, PPGCE				
Data:	Vinte e nove de novembro de dois mil e vinte e três	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	16:10
Matrícula do Discente:	12122TCE001				
Nome do Discente:	Débora Costa Nunes				
Título do Trabalho:	Artes de viver: Cirandar de sentidos construídos por Moradores do Bairro Patrimônio				
Área de concentração:	Tecnologia, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Tecnologias e Interfaces da Comunicação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Tempo e escrita da história: memórias e subjetividades nas narrativas audiovisuais				

Reuniu-se por webconferência link: <https://conferenciaweb.rnp.br/sala/monica-brincalepe-campo>, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Nuno Manna Nunes Cortês Ribeiro - UFU; Sabina Reggiane Anzuategui - FCL; Mônica Brincalepe Campo - UFU orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr(a). Mônica Brincalepe Campo, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Mônica Brincalepe Campo**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/11/2023, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nuno Manna Nunes Côrtes Ribeiro**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/11/2023, às 16:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sabina Reggiani Anzuategui**, **Usuário Externo**, em 01/12/2023, às 10:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4962099** e o código CRC **43AC3119**.

**Referência:** Processo nº 23117.080033/2023-18

SEI nº 4962099

Criado por [caroline.ribeiro1](#), versão 3 por [mbcampo](#) em 29/11/2023 16:01:21.

## AGRADECIMENTOS

Não seria capaz de agradecer aqui a todas e a tantas pessoas que se somam a esta pesquisa com variadas formas de contribuição. Sou grata por me reconhecer em encontros tão felizes. De forma particular quero agradecer:

A professora Dr. Mônica Brincalepe, por somar se a este trabalho e por ser companhia segura durante todas as derivações que se fizeram necessárias ao percurso. Pelo apoio incondicional a cada guinada e mudança de rota. Pela parceria respeitosa e sincera, pela amabilidade em cada palavra.

Ao professor Gerson Sousa, especialmente por instigar minha inquietação enquanto pesquisadora. As contribuições teóricas de seus trabalhos apontam horizontes para a construção desta pesquisa.

Ao professor Dr. Nuno Manna pela partilha durante a disciplina cursada no PPGCE e pela generosidade de suas considerações e comentários na banca de qualificação.

Aos 'cria' do Patrimônio, Dona Mary Ivone, Douglas, Priscila, Capitão Nelsinho (que nos deixou durante a realização deste trabalho) e Dona Nice, junto dos quais encontrei a semente que germinou nessa pesquisa. Os moradores que cederam suas fachadas para o projeto de intervenção artística Reduto Negro; a todos e tantos outros que me acolheram pelas ruas do bairro. Ao querido Sedson pela captação de imagens e edição do teaser.

A minha filha pela tolerância. Ao meu esposo pelas palavras de incentivo.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo subsidiar a proposta de criação de um documentário poético, propondo enveredar nas complexas dinâmicas do cotidiano do Patrimônio, o bairro mais antigo da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Negando a passividade do sujeito frente a estrutura, essa pesquisa é evidência da pujança de vida e do uso criativo que os sujeitos fazem das coisas em suas Artes de Viver. Metodologicamente a pesquisa se fundamenta na análise da ação dos sujeitos: as táticas e estratégias elaboradas pelos atuais e/ou antigos moradores do bairro instigados pelo projeto de intervenção artística Reduto Negro; os tensionamentos, disputas e articulações que protagonizam a medida em que significam e produzem o cotidiano, posições identitárias, memórias e vivências em ambiência digital. Proposta que busca compreender como os moradores remanescentes significam suas memórias e identidades frente as transformações do bairro. Assim como pensar os sujeitos nos processos de comunicação no município tendo em vista o fato que eles vivenciam e resistem a um instaurado processo de gentrificação no cotidiano de um bairro popular, outrora declarado majoritariamente negro. A análise de mídias, em consonância ao movimento dialético desta pesquisa, apoia-se de modo ensaístico no conceito de vetor.

## **PALAVRAS CHAVE**

1. Bairro Patrimônio 2. posições identitárias 3. ambiência digital 4. táticas e estratégias

## **ABSTRACT**

This research aims to support the proposal for the creation of a poetic documentary, suggesting delving into the complex dynamics of everyday life in Patrimônio, the oldest neighborhood in the city of Uberlândia, Minas Gerais. Denying the passivity of the subject in the face of structure, this research is evidence of the vitality of life and the creative use that individuals make of things in their Arts of Living. Methodologically, the research is based on the analysis of the actions of the subjects: the tactics and strategies developed by current and/or former residents of the neighborhood inspired by the Reduto Negro artistic intervention project; the tensions, disputes, and articulations they engage in as they signify and produce everyday life, identity positions, memories, and experiences in a digital environment. The proposal seeks to understand how the remaining residents give meaning to their memories and identities in the face of neighborhood transformations. It also aims to consider individuals in communication processes within the municipality, given that they experience and resist an established process of gentrification in the daily life of a once predominantly black neighborhood. The analysis of media, in line with the dialectical movement of this research, is essayistically based on the concept of the vector.

## **KEYWORDS**

1. Patrimônio neighborhood
2. Identity positions
3. Digital ambience
4. Tactics and strategies



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

### **FIGURAS**

- Figura 1 – Fotografia: “Café com prosa”
- Figura 2 – Mapa São Pedro de Uberabinha 1981
- Figura 3 – Mapa Loteamentos 2023
- Figura 4 – Reduto Negro em rede
- Figura 5 – Captura de tela A.#reduto negro
- Figura 6 – Captura de tela B. #redutonegro
- Figura 7 – Captura de tela C. #redutonegro
- Figura 8 – Captura de tela D
- Figura 9 – Captura de tela E
- Figura 10 – Captura de tela NVF1
- Figura 11 – Captura de tela Perfil 2
- Figura 12 – Captura de tela PCF1
- Figura 13 – Captura de tela Perfil 1
- Figura 14 – Captura de tela NVF2
- Figura 15 – Captura de tela NVF2 - B
- Figura 16 – Captura de tela TCLE
- Figura 17 – Captura de tela Comentário TCLE

### **LISTA DE ABREVIATURAS**

- COMPAC – Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
- NVF1 – Narrador Visual Feminino 1
- NVF2 – Narrador Visual Feminino 2
- PCF1 – Puxador de Conversa Feminino 1
- PMIC – Programa Municipal de Incentivo à Cultura
- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas
- UFU – Universidade Federal de Uberlândia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>8</b>
1.1	MEMORIAL .....	10
1.2	ENCONTRO COM A PESQUISA: A PRODUÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA REDUTO NEGRO .....	14
1.3	A HISTORICIDADE DO BAIRRO: ALGUNS APONTAMENTOS .....	16
<b>2</b>	<b>CAFÉ COM PROSA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO ELABORAÇÃO COLETIVA DO ROTEIRO DE PINTURA DO PROJETO REDUTO NEGRO .....</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>ARTICULAÇÕES EM REDE: APONTAMENTOS SOBRE O VIVIDO EM AMBIÊNCIA DIGITAL .....</b>	<b>33</b>
3.1	UM OLHAR PARA A COMUNIDADE “PATRIMÔNIO DAS ANTIGAS” NO FACEBOOK .....	41
3.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS FLUXOS NA COMUNICAÇÃO DO GRUPO .....	51
<b>4</b>	<b>PROPOSTA DE PRODUTO .....</b>	<b>53</b>
4.1	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>61</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Uso a palavra para compor meus silêncios.  
 Não gosto das palavras fatigadas de informar [...]  
 Tenho em mim um atraso de nascença.  
 Eu fui aparelhado para gostar mais de passarinhos.  
 Tenho abundância de ser feliz por isso.  
 Meu quintal é maior que o mundo.  
 Sou um apanhador de desperdícios.*

Manoel de Barros

Esta pesquisa parte de uma vivência partilhada com os moradores do Patrimônio; a criação de painéis em graffiti e produção de uma linguagem imagética em diálogo com as memórias dos moradores remanescentes do bairro. É partindo dessa instância de relações que o estudo aqui empreendido busca enveredar no cotidiano do bairro, conhecer memórias e posições identitárias dos antigos moradores, tensionamentos, disputas e articulações que protagonizam. O olhar construído durante o desenvolvimento da pesquisa busca localizar elementos para composição de um documentário poético, mirando aquilo que escapa: a beleza que tem as coisas comuns e que por vezes passam despercebidas; celebrando a poesia que reside nas sutilezas do viver. Razão pela qual a escrita deste trabalho aventura-se em táticas de subversão. E não que o faça de modo pretensioso ou descomprometido de rigor, é antes o vislumbre de uma criativa possibilidade.

O que forja as linhas aqui tecidas é a existência de alguém que se faz ao passo em que constrói um narrar a si e a aqueles com os quais a vida lhe presenteia. Motivo pelo qual escrevo desejava de que esta pesquisa e o documentário proposto sejam possibilidade de *encontro*. Para todos que, como nos ensina o mestre griô Nêgo Bispo<sup>1</sup>, partilham de saberes que se fazem na vivência; na confluência de saberes que envolvem o ser. Há aqui muito de mim. Num jogo sobre o que se busca ser; o que se é; o contexto que se vivencia e as relações que essa gama de processos estabelece. Conhecimento que se dá em movimento dialético, e para o qual as/os

---

<sup>1</sup> Antônio Bispo dos Santos, relator de pensamentos e saberes como se coloca, é expressivo agente do movimento social quilombola. Vivente do Quilombo Saco-Curtume, localizado em São João do Piauí, ele é lavrador, escritor, poeta, professor, ativista político. Ao cultivar “palavras germinantes”, Bispo tem se feito ponte entre saberes e sabedorias que permeiam a oralidade e as vivências da sua comunidade e a academia. Autor do livro *Colonização, quilombos. Modos e significações*, Bispo é potente voz das comunidades tradicionais do Brasil.

convido cirandar. *Brinquedo* embalado pelas ondas do mar e pelo canto de Liá de Itamaracá, a ciranda exige mãos dadas, é chamado para o fazer juntos. E é a partir desta analogia que significo o percurso aqui trilhado.

Nas próximas páginas encontrarão um trabalho que longe de se dar por encerrado, flerta com variadas possibilidades de deriva; numa costura singular da série de complexidades que o permeiam e o caráter ensaístico do percurso metodológico adotado para análise de mídias.

Na impossibilidade de aprofundar teoricamente em cada uma das complexidades sinalizadas, há aqui tentativa de pensar: posições identitárias, o cotidiano, a vivência em ambiência digital. Partindo do pressuposto de que a realidade é constituída por contradições e disputas, busco de forma crítica e dialética lançar luz sob a ação dos sujeitos; as táticas e estratégias que elaboram a medida em que se busca (re)significar o viver; em que se percorrem caminhos entre o lembrar e esquecer. Análise da qual não me excludo, mesmo porque, não seria possível fazê-lo. Na primeira parte deste relatório há um memorial. Evidência dos sentidos que tenho construído ao pensar memória e identidade ao passo em que significo minhas vivências. Potente proposta de escrita, o memorial é nesta pesquisa instrumento pelo qual reivindico ter reconhecida minha condição de sujeito. Somam se a ele duas subseções: uma na qual descrevo o projeto cultural que culminou como encontro com o objeto de pesquisa; e algumas considerações sobre cenário em que essa trama se desvela, o bairro Patrimônio em Uberlândia.

A segunda parte é dedicada a análise da roda de conversa com os moradores, registros filmicos produzidos no processo decisório de seleção e montagem do roteiro de pintura do Projeto Reduto Negro. Participaram nesta etapa, que aconteceu ainda em tempos da pandemia de COVID-19, seis antigos e/ou atuais moradores do bairro. Considerando a existência do condicionamento, a formatação própria do projeto, do qual espontaneamente participaram, a terceira parte deste trabalho busca ampliar e complexificar o corpus de pesquisa. No terceiro capítulo a mirada analítica alcança a ambiência digital, a partir da criação de um contexto articulado por meio do vetor Reduto Negro. Permitindo assim um cirandar que contempla sujeitos vários e sentidos múltiplos em fluxos não lineares. O percurso descrito, em suas distintas etapas, tem em vista construir possibilidades para a construção de um documentário. Radicalizando um aspecto no qual os sujeitos envolvidos nesta pesquisa são notoriamente mestres, o uso criativo das coisas. Ansiando ainda que o produto proposto seja, sobretudo, reflexo e registro das *Artes de viver*.

## 1.1 MEMORIAL

Eis aqui uma contadora de histórias. Talvez essa seja a primeira e melhor coisa que eu possa aqui registrar. Nem poderia ser diferente, afinal, em uma família que tem suas raízes no campo, gente simples que ama prostrar e contar ‘causos’; sabedora do mundo mesmo sem compreender o sistema alfabético; contar história é prática passada de um para o outro. Só lamentando não ter o senso de humor tão apurado quanto o de meu avô ou meu irmão, se assim fosse, talvez essas linhas aqui tomassem outro rumo. E assim busco me apresentar, mesmo que brevemente, matutando, ainda, sobre como por meio da linguagem nos situamos no mundo; em como a forma que nos colocamos para alguém pode ser reveladora, pois essa ‘apresentação’ não é, ela está. Reconhecendo aqui o processo constante de (re)elaboração de si e das narrativas que (re)produzimos é que me permito olhar para as histórias que já contei e as que busco narrar. É neste cirandar com as lembranças que reconheço aproximações e distanciamentos, nos quais se faz perceptível o fato de que anos atrás não estavam presentes em minha fala alguns descritivos que hoje me são caros. Marcos relevantes de quem sou; e, mais especialmente, de quem desejo ser.

Nascida cá as margens do rio Uberabinha, essa herdeira do ‘pé vermei’ que vos escreve levou bastante tempo para se pensar como mulher, negra, mãe, como agente político. A reconhecer as diversas condições, possibilidades e contradições do ‘ser’ que coexistem em um emaranhado de relações, sentidos e afetos. Ou como proposto por Hall (2006), a “celebração móvel” que são as identidades; a (re)conhecer os caminhos que traçamos em busca de significar nossa vida. Mas bem, como é que de repente se descobre – ou se apropria – daquilo que virá a ser parte balizadora da sua identidade? Me arisco considerar que os momentos imersivos em processos transformadores, ocorrem de modo oculto. Não se tem dimensão do quanto vivências, encontros, estudos e partilhas te atravessam e mobilizam até que elas tenham operado alguma mudança. Fica ali algum ruído, um arranhado, outras vezes um feroz estilhaço de vidro, ou quem sabe até mesmo um novo retalho para o viver que estamos a costurar. Acontece que, por mais sutil ou violento que possa ser, é após esse instante que um olhar curioso para dentro de si e para o mundo pode, encontrar e então reconhecer, a transformação. É a memória que nos dá oportunidade de revisitar percursos e os (re)significar.

Em uma parte não nomeada dentro da rotina – junto aos afazeres cotidianos – transitando entre linhas de talheres e canções, encontros, afetos e celebrações é que organizamos quadros de lembrança; ora tomadas como marcos significantes ora destinadas a galeria do esquecimento.

Quadro de significados em aberto – evidenciando o aspecto político de sua constituição – “a memória é por excelência o que se faz dela” (Pierre Nora, 1998, tradução nossa). É neste contexto que assumo a feitura deste memorial; encarando o como possibilidade para inscrever e elaborar minha própria subjetividade, flertando com a noção de ‘escrita de si’ cunhada por Margareth Rago (2013). Ciente da contribuição de tantas pessoas a quem tive a felicidade de encontrar, e da impossibilidade de tecer todos os fios que compõem essa trama, vou elencar encontros que são marcantes para o processo do ser pesquisadora e do tema que busco explorar nesta pesquisa. Encontros que radicalizaram a compreensão de mim mesma e sinalizaram horizontes – ainda não imaginados – como possibilidade de vir-à-ser.

Quem me trouxe o fio dessa meada foi Maria Lúcia Vannuchi, professora das Ciências Sociais que encontrei no primeiro ano de graduação na UFU, foi ela a abrir a primeira porta, me permitindo seguir pelos caminhos da monitoria de disciplina. Experimentei outra forma de estar com meus pares e isso trouxe um tanto de acalento e pertencimento para quem até então se compreendia como deslocada. Compartilhar o pouco que sabia e que dolorosamente aprendia – naquele pequeno círculo e dentro de todas as minhas limitações – me embebedava com um ínfimo átomo de poder; até então não experimentado. Minha voz encontrava algo sobre o que dizer e quem se interessava em ouvir. Mas não em um processo passivo ou submisso, ancorado em certezas; o que se colocava era a dúvida, a diferença. A possibilidade de questionar inclusive aquilo que se acreditava ser, a inquietação. Havia ali a possibilidade de protagonismo, para além das minhas histórias de dor. Inaugurei, assim, um mapa que segue, ainda hoje em construção. Já no segundo ano de curso me deparei com Diva Sousa, professora de Didática. Diva e Maria Lúcia têm personalidades muito distintas, igualmente geniais; me mostravam repertórios muito singulares sobre ser mulher e pesquisadora. E sem sombra de dúvidas carrego um tanto delas em mim, talvez menos até do que gostaria. Diva foi minha orientadora em uma trajetória de dois anos em um projeto de iniciação científica. Por meio do trabalho que desenvolvemos, vivi a primeira experiência de viajar para fora do estado, me hospedar em um hotel (veja só!), participar de congressos, publicar; ver nascer uma tímida voz de autora. Me permiti encantar, a gostar de estar ali, a significar esse lugar também como meu; entendendo cada vez mais o quanto isso é também forma de resistência. Neste processo parte dos aprendizados eram partilhados com minha mãe, cautelosa ouvinte dos ‘causos’ dessas andanças pelos caminhos da universidade. Ela, até então a pessoa com maior grau de escolaridade na família – havia concluído a sétima série – realizava-se em certa medida com as minhas conquistas.

Certa vez, minha mãe me disse: “É, quem diria! Olha onde aquele bebezinho saído do Patrimônio foi parar!”. Fala que se tornou constante em nossas prosas; “quem diria” virou um

código entre nós, e passou a ser acompanhado de risos. Meus avós paternos constituíram família e criaram todos os seus filhos no bairro Patrimônio, foi lá que nasci e morei durante a pequena infância, até o assassinato de meu pai. A frase de minha mãe – e que trago aqui – carrega todo o peso da trajetória de nossa família, as tragédias que vivenciamos; estigma social sobre o bairro, sobre nossa estrutura familiar, ou a falta dela. Neste revisitar que aqui teço, retomo a fala de minha mãe e encontro, transitando em meio a sentidos atribuídos aos lugares da cidade e as pessoas, traçados do mapa que me trouxeram até aqui. Ela, mesmo sem saber, já colocava em evidência questões que se apresentariam em breve. Afinal, como é que eu, diante das novas compreensões que estava a elaborar, lidaria com as memórias que, para sobreviver, precisamos outrora ignorar e esquecer? Como essas memórias se articulavam na construção da minha identidade e do alguém que eu busco ser? Perguntas custosas, feito sabedoria de Preto Velho que se busca alcançar.

A ampliação do meu entendimento acerca do feminismo; a nova rede de sociabilidade que a partir dele se estabeleceu, me confrontaram com o recorte racial. Pauta que dialoga ainda com uma diversidade de debates e imagens que percorrem as mídias versando sobre representatividade, empoderamento, ancestralidade, identidade de grupo, colorismo, pensamento decolonial. E nesse caleidoscópio de signos e sentidos, em uma das várias combinações possíveis, me reconheci negra; tomei posse desta parcela da minha identidade e isso reverberou no corpo. Na cerimônia de colação de grau, entrei ostentando meu cabelo natural; descobri que o cabelo que tanto me incomodou não era crespo e que o volume, antes julgado exagerado, estava muito distante do que passei a desejar. Construí outros sentidos de beleza, iniciada no próprio corpo, mas com potencial de radicalizar minha leitura do outro. E foi esse corpo – atravessado pelas pautas raciais – que se deleitou no abraço ofertado pelo grupo de pesquisa e releitura das danças tradicionais brasileiras, o Balaio de Chita<sup>2</sup>.

As vivências junto ao grupo viabilizaram a descoberta do ser artista; não partindo dos padrões de corpos e estéticas em voga, tampouco dos termos glamour, fama ou similares; geralmente associados. A expressão artística por mim descoberta diz da potencialidade do corpo enquanto linguagem; sua capacidade de simbolizar, representar modos de se referenciar no

---

<sup>2</sup> O grupo Balaio de Chita é um projeto independente que desde 2011 desenvolve atividades a partir da (re)criação da festiva de danças populares brasileiras. Conhecimento e prática que mobilizam corpos e afetos, embalando pessoas com saias e calças floridas, pés descalços, transpirando emoção em contínuo exercício e celebração do viver e fazer juntos. As ações realizadas pelo grupo promovem a (re)invenção de danças aprendidas em campo junto a mestras e mestres populares, sob influência do cenário cultural local assim como da vivência de cada integrante. A base da pesquisa pelo Balaio de Chita é o dançar junto: soma da singularidade de cada integrante e a riqueza da vivência junto a diferentes públicos. A fruição brincante /artística do grupo é permeada por ritmos como coco, carimbó, cacuriá, ciranda e moçambique.

mundo. Da possibilidade de, por meio da dança e sua fruição experienciar ancestralidade. Houve ainda o meu encontro com a cultura Hip-Hop, o fascínio com o elemento graffiti e as experiências vividas junto a ações independentes promovidas por coletivos comunitários. Não o bastante, minha inserção no COMPHAC – ocupando a cadeira da comunidade – ampliou minhas lentes sobre as disputas entorno da memória na cidade. E nessa trama constituída pelo vivido colidi com a pandemia. O período de isolamento me obrigou a canalizar a latência desse corpo – que se descobria cada vez mais potente – em alguma direção. Passei, então, a projetar ações que dessem vazão ao desejo por trabalhar com memória, identidade e cultura. Caminhos que me trouxeram até aqui e sinalizam que

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, p. 205, 1992).

Memória e identidade são, sobretudo, caminhos a construir, (des)continuidades, trilhas por fazer e significar. Motores que me impulsionaram a empreender projetos, especialmente a partir do encontro com a linguagem do graffiti. O desejo por registros de memória frutificou e ganhou forma com a publicação de meu primeiro livro, o ebook GER3 – Graffiti Escola na Rua, documentando um evento mutirão. No mesmo ano, com financiamento do PMIC, usei publicar também o livro VIVAcidade – Narrativas do Graffiti em Uberlândia; livro físico, palpável, subvencionado, mapeando uma linguagem artística dita marginalizada e marcada de modo singular pela efemeridade. E o fiz muito inspirada pela proposta de inventários participativos do IBRAM; inaugurando junto aos viventes do graffiti, um rastro de memórias no município. Projetos conduzidos de modo paralelo a outras ações independentes que não contam com aporte financeiro das instituições de fomento e ao Projeto Reduto Negro<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Projeto realizado em 2021 com recursos da Lei Aldir Blanc. Publicação da documentação do evento 034 - 2º Encontro Nacional de Graffiti e Cultura Urbana, sediado na E.E. Teotônio Vilela em Uberlândia no ano de 2019.

<sup>4</sup> O projeto Reduto Negro foi aprovado no PMIC para execução no ano de 2021, sendo prorrogado por um semestre em virtude das limitações impostas pela COVID-19.



Para este memorial, preciso ainda sinalizar que, embora o encontro com o objeto de pesquisa tenha sido oportunizado pela experiência do desenvolvimento do Reduto Negro, os contornos que este trabalho ganhou só foram possíveis por meio das articulações e derivas que surgiram a partir das disciplinas do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Tecnologia e Educação. De modo que as reflexões teóricas no campo da comunicação, com ênfase nos Estudos Culturais, vivenciadas na junto ao professor Nuno Manna na disciplina de Tópicos Especiais em Comunicação e Tecnologia permeiam fortemente as linhas aqui tecidas. . Ainda no campo das atividades programadas do mestrado, cursar a disciplina de Fundamentos Epistemológicos Interdisciplinares: Informação e Sociedade ministrada pelo professor Gerson Sousa foi uma rica oportunidade de localizar e solidificar o aporte de sustentação teórico/metodológica para a etapa pré-produção do produto audiovisual aqui proposto.

Assim, como quem busca amarrar o último ponto, deixo explícito que o exercício que busquei fazer neste memorial, foi o de entrelaçar os percursos por mim vivenciados a reflexões sobre os conceitos memória e identidade. Pois estes são conceitos que alicerçam a investigação aqui empreendida e sobre os quais buscarei discutir em maior profundidade. Mas por ora, seguirei contando, os ‘causos’ do que seria a primeira cena; um flerte com o bairro Patrimônio por meio do Reduto Negro.

## 1.2 ENCONTRO COM A PESQUISA: A PRODUÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO ARTÍSTICA REDUTO NEGRO

O Reduto Negro consiste em uma iniciativa cultural empreendida em parceria com um artista local; projeto contemplado no Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PMIC e concluído no primeiro semestre de 2022. O objetivo da proposta era criar uma galeria de arte urbana a céu aberto em diálogos com a comunidade e suas memórias; realizando ações de intervenção e ressignificação de casas no bairro mais antigo da cidade de Uberlândia, o Patrimônio. O projeto foi estruturado em três etapas de trabalho, independentes e complementares: escuta dos velhos moradores para construção coletiva de um roteiro para os murais em graffiti; pesquisa e execução das pinturas; graffiti tour – visitas guiadas pelo circuito de arte urbana com objetivo de partilhar as descobertas sobre o bairro, revelando situações, memórias, fatos e curiosidades por trás da tinta.

O projeto aqui descrito nasceu de um feliz encontro de ideias. O grafiteiro Tiago Dequete

– belo-horizontino residente em Uberlândia a nove anos – orgulhoso em se dizer “cria de quebrada”, como curioso pesquisador da urbe que é, se identificou com a narrativa do Patrimônio enquanto periferia negra. E ao longo de sua estadia na cidade deixou alguns graffitis pelo bairro. Em uma dessas incursões, ocasião em que pintou o muro de Dona Vicentina, fui convidada a acompanhar e a pintar minha letra em estilo ‘piece’. Desse encontro surgiram partilhas sobre técnicas de pintura e conflitos postos no urbano: a história do bairro e como ela atravessava e se aproxima de nossas trajetórias; questionamentos sobre os registros de memória do povo negro na cidade. Havia ali uma semente; germinada por tensões e articulações entre memórias e identidades.

Conceitos que, apresentados aqui no plural, buscam sinalizar e reconhecer que as identidades “não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (Hall, 2014 p.108). Aspectos que podem ser localizados ao considerar que, inicialmente quando da elaboração do Reduto Negro, o que mobiliza a ação são os sentidos construídos a cerca de uma identidade negra, mesmo que reconhecidamente plural e difusa. Partindo dos trânsitos de duas pessoas que, não inseridas em contextos de legitimação por meio de manifestações culturais compreendidas como tradicionais; vivenciam posições identitárias que os levam a significar o bairro Patrimônio enquanto campo de disputas. Especialmente para mim, o Reduto Negro surgiu ainda como possibilidade de (re)significar memórias, em movimento de embate ao que minha família teve como única possibilidade destinar a galeria do esquecimento. Entendendo que esquecer foi, naquele tempo, tática para sobreviver.

O assassinato de meu pai, nascido e criado no Patrimônio; nossa mudança forçada para outro bairro, e toda a tentativa de esquecer/superar a tragédia vivida mobilizavam a iniciativa de intervenção. Visibilizar memórias da comunidade por meio do graffiti era forma de dar voz, um grito vibrante em cores, para o que parecia reservado ao silêncio. Era dar cor a múltiplos apagamentos, possibilidade de ao se reconhecer como sujeito histórico e na ampliação da consciência de si, localizar-se também no campo da identidade. Em um movimento no qual há a possibilidade de protagonismo, da construção de um narrar-se, que supera as histórias de dor. Esta pesquisa é, portanto, o reverberar da ação que localizou em meio a burocracia de propostas governamentais, caminhos e subsídios para transformando a realidade, existir e resistir. Uma tática, como tece Certeau:

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam organização do espaço, às relações entre momentos

sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos.” (Certeau, 1994, p.102).

E é propondo pensar táticas e estratégias que explico os pressupostos que orientam este trabalho: “os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas que eles já encontraram elaboradas quanto as que são o resultado de sua própria ação” (Marx e Engels, 2008 p.44). Reconhecendo as contribuições desses autores, especialmente a medida em que a historicidade reivindicada pelo materialismo se apresenta enquanto denúncia das condições de existência; o determinismo em relação ao sujeito é aspecto que aqui se nega. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar como as táticas e estratégias elaboradas e utilizadas no cotidiano pelos velhos moradores do bairro instigados pela proposta de criação de um roteiro de pintura representativo para a comunidade colaboram para pensar o sujeito no processo de comunicação no município.

O percurso metodológico traçado, por sua vez, se alicerça na análise do movimento de ação, nas trilhas de fuga que os sujeitos percorrem a medida em que resistem a estrutura protagonizando tensões, disputas, articulações e (re)arranjos, em seus trânsitos entre o compreendido como familiar e o público da cidade. A partir da história oral e da contextualização da vida daqueles que se engajaram no projeto, a questão que se coloca busca compreender: como os velhos moradores do Patrimônio articulam memórias e identidades ao passo em que vivenciam as transformação do bairro?

E é buscando oferecer subsídios para a análise aqui proposta, que lanço olhos para alguns aspectos que permeiam a constituição do bairro Patrimônio e as posições identitárias dos antigos moradores.

### 1.3 A HISTORICIDADE DO BAIRRO: ALGUNS APONTAMENTOS

O que proponho pensar são as evidências dos contrastes, disputas e marcos de diferença que os velhos moradores do bairro vivenciaram a medida em que se construíam projetos para a cidade de Uberlândia. Partindo do simbólico, localizo na fala dos sujeitos participantes desta pesquisa, a expressão Pé Vermei. Termo pejorativo capaz de traduzir o contraste social e marginalização daqueles que apelidados em virtude da ausência de calçados e de condições de transporte dirigiam-se ao centro urbano e lá chegavam com os pés lamacentos. Ir e vir que se dava em função do trabalho: o doméstico executado pelas mulheres nos palacetes do Fundinho;

e as demandas sazonais de que se ocupavam os homens. Pé Vermei é denúncia que, convocada no presente em sentido de afirmação, revela a ação do sujeito que resiste. Caminhos que se cruzam com o fato de que o bairro é resultado da doação, em 1883, de doze alqueires de terras a Igreja, composição do patrimônio de Nossa Senhora da Abadia; posteriormente cedidas por meio de aforamento a população negra outrora escravizada. Em uma ação que buscava viabilizar a permanência da mão-de-obra próxima aos postos de trabalho. Ocorre que, quando da sua formação, o bairro estava a margem da cidade que se erguia, havendo ainda um elemento natural segregador do espaço urbano, o Ribeirão São Pedro.

Neste sentido, importante considerar que em meados da década de 1980, houve em Uberlândia, promovido pela Secretaria de Cultura, um concurso de monografias sobre os bairros da cidade. O trabalho vencedor, “Bairro Patrimônio – salgadores e moçambiqueiros” de autoria do médico Luís Augusto Bustamante Lourenço é um dos poucos registros que localizamos sobre o bairro. Lourenço (1986) considerava que, o Ribeirão São Pedro era fator responsável por inscrever essa comunidade que se formava em um ilhamento, englobando aspectos físicos e socioculturais; e ao definir o padrão étnico/social do bairro como “negro pobre” o pesquisador questionava ainda os fatores que levaram a segregação e ao não aniquilamento da comunidade. Concluindo que:

o Patrimônio é um bairro que através dos tempos manteve em sua essência o conjunto de elementos que o diferenciaram desde que se constituiu enquanto comunidade: os aspectos que nos permitem caracterizá-lo como uma comunidade “folk”, e o fato de ser uma comunidade negra. (Lourenço, 1986 p.13)

Na tentativa de demarcar a singularidade do viver no Patrimônio, o pesquisador elenca os aspectos por ele tomados como balizadores desta compreensão: 1- constatação da presença de regras próprias como organizadoras da comunidade, da existência de um código de honra, do conflito que por vezes se estabelecia entre o vivenciado no bairro e as leis vigentes, a exemplo da ausência dos contratos de trabalho, de registros e casamentos civil; 2- das manifestações religiosas entendidas como expressão de um catolicismo primordialmente voltado para as comemorações, o convívio e a diversão, em oposição ao catolicismo das ordens religiosas, do vínculo entre catolicismo, umbanda e magia; 3 – das formas de sociabilidade, o que Lourenço (1986 p.14) chamou de “o parentesco ritual (compadrio)”.

Ora, tomemos o conjunto de elementos apresentados como alvo de análise. Os termos que se apresentam como fundantes da compreensão do bairro como “comunidade folk”

demarcam oposições binárias que, como destaca Woodward (2014) recorrendo a Derrida e Cixous, envolvem uma disparidade de poder entre os dois termos. Considerando que há sempre maior valorização de um que de outro: de um lado está a norma (legislativa, religiosa, social), do outro – o desviante. O que implica pensarmos a intrínseca relação entre identidade e diferença; sendo essa marcada “tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (Woodward, 2014 p.40). Soma-se ainda a classificação “comunidade folk”, feita por Lourenço (1986), o recorte comunidade negra. Mas de que negro falamos?

Woodward (2014) pontua que os conflitos étnicos podem se desenhar a partir de disputas que envolvem a recuperação e reescrita da história. Pois enquanto afirmação política, as identidades demandam formas de autenticação. O que frequentemente é feito “por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão” (Woodward, 2014 p.26). No trabalho monográfico de Lourenço, essa tentativa de “resgate histórico” aparece como proposta de, por meio de elementos culturais, do vocabulário comum a congada, localizar indícios sobre a origem étnica da população negra em Uberlândia:

O dialeto usado nas demandas e pontos de moçambique é o angola, que é um dialeto banto. Porém congadeiros de outros bairros da cidade, como Saraiva e Martins, utilizam também outros dialetos, o Ketu e o Gege, ambos sudaneses, um oriundo da Nigéria e outro de Daomé. Os instrumentos e a indumentária usada pelo moçambique do Patrimônio recebem nomes iorubá, como ojá, gunga, parangoma. Estes nomes não são em absoluto universais. [...] A religião negra praticada no Patrimônio, a umbanda, é uma religião de origem banto, diferente do candomblé, que é de origem sudanesa. (Lourenço, 1986 p.21)

Apresentando tais pistas, Lourenço (1986) sinaliza uma diversidade de grupos, e demarca a impossibilidade de localizarmos uma origem única. Aspecto que corrobora com o pressuposto de que a experiência diaspórica, na atualidade, confere a diversas pessoas “a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento” (Hall, 2013, p.29) em espaços/tempos que, já não mais, se limitam as grandes distâncias. Pensar a diáspora, em um país com dimensões continentais como o Brasil, exige um olhar atento a pluralidade e distinção de atravessamentos experienciados pela população negra a depender do local/região onde se insere.

Hall (2013) delimita duas formas distintas por meio das quais é possível pensar a identidade cultural. A primeira expressa a busca pela “tradição”; o elo capaz de conectar diferentes tempos (passado e presente) em uma linha imutável; o elemento garantidor de uma unicidade histórica e cultural. Já a segunda forma de conceber a identidade cultural, se dá no

reconhecimento de sua fluidez e transitoriedade. “O que não significa negar a que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, além disso, o passado sofre uma constante transformação. Esse passado é parte de uma comunidade imaginada, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como nós” (Woodward, 2014 p.28). O que busco evidenciar é que, como propõe Hall (2013) embora identidade dependa da diferença, os significados que lhe são atribuídos não são fixos. A partir da questão da diáspora especialmente pelas complexidades que ela é capaz de desvelar, é possível compreender que não há homogeneização da experiência negra. O que se apresenta é a multiplicidade de identidades forjadas nas situações de diáspora.

No tocante aos aspectos físicos, o ilhamento em que se inscrevia o Patrimônio só seria, ao menos em partes superado, quase 100 (cem) anos depois. A considerar a data daquele que é o primeiro mapa oficial – São Pedro de Uberabinha 1891, disponibilizado no site da Prefeitura de Uberlândia, em que é feita menção ao Patrimônio; e a década de 1981, em que foi empreendida a canalização e pavimentação do Ribeirão São Pedro, atual avenida Rondon Pacheco. Cabe ressaltar que a demanda por esta obra e outras no mesmo segmento buscavam romper os limites geográficos naturais que condicionavam até então a expansão do município; e que os ‘mocambos’ formados próximos ao centro urbano primeiro já haviam sido tragados, dando lugar a palacetes e praças (Lourenço, 1986). Impelindo os moradores a formarem novas periferias.

Superados os limites naturais a cidade seguiu, a passos largos, promovendo a reconfiguração dos seus espaços. A esse respeito consideremos que, como proposto por Milton Santos em *Por uma geografia nova* (1978 p.122), “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. É a partir deste autor que tomamos o espaço como categoria ampla e dinâmica que transcende a mera extensão geográfica. Dialogando com a compreensão do conceito de espaço como conjunto de formas expressivas da dinâmica social de ontem e hoje e pelo arranjo de relações que ocorrem em formas de manifestação de processos e funções.

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (Santos, 1978, p. 171).

O espaço não é homogêneo, é antes caracterizado em diferentes partes devido a processos sociais, culturais e históricos específicos. Na atualidade, Uberlândia com mais de 700 mil habitantes figura como a segunda maior cidade do estado; e como promissor polo logístico,

recebendo ainda o título de “capital nacional da logística”. O setor sul, no qual o bairro Patrimônio se localiza, tem se constituído como área nobre; amplificando o contraste da estética arquitetônica entre o Patrimônio e os bairros vizinhos, formados majoritariamente por imóveis e/ou condomínios de alto padrão. Estabelecendo ainda condição na qual o Patrimônio parece figurar como lembrança de uma cidade que já não é adequada; em que se reivindica o “progresso” como a única ótica que se pretende mostrar.

Consideremos que, como pontua Sousa (2013), a constituição da identidade da cidade, noção de sujeito universal que toma de Certeau (1994), por vezes se faz em conflito com a valorização dos sujeitos. Ao passo que a formação da história, enquanto discurso hegemônico, encontra em cada micro estrutura das cidades e bairros as condições de sua elaboração, sendo legitimado a medida em que é disseminado pelo massivo. Embates que se somam a um outro aspecto da composição identitária da cidade, a Expressão do Silêncio.

Negando a passividade do sujeito e o determinismo em relação a este, o que Sousa (2013) conceitua é o movimento. A pujança de vida que, frente a hierarquização da voz única difundida pelo massivo, há na ação do sujeito: a consciência de si. Seja ela expressa em contestação, oposição ou denúncia ao poder que assume a face da “história oficial”; ou na constatação da subtração de algum direito. Considerando que “ao transformar a imposição com sentido negativo de recusa da identidade para o valor positivo em exigir o direito como sujeito no presente, o cidadão desvela e enfrenta a força que o procura torná-lo objeto” (Sousa, 2013p.50). E é a partir desse tensionamento que o pesquisador compreende a experiência vivida do velho como elemento representativo da memória subterrânea, como concebe Pollak.

Partindo desta compreensão é que lanço olhos para crescimento da cidade Uberlândia e as (re)formulações do urbano que atualmente se apresentam: ações constuintes e/ou desfaceladora do espaço; permeadas pelos sentidos produzidos por aqueles que vivenciam as transformações no bairro mais antigo do município. É esse bairro, reconhecidamente negro, a trajetória de sua formação atrelada os sentidos construídos por seus moradores, e estes, frente ao processo de gentrificação; que fazem indagar: Em que medida é possível identificar as aproximações e rupturas ao considerar a história da cidade e a história dos sujeitos frente a proposta de produção de intervenção artística oportunizada pelo projeto Reduto Negro? Como os velhos moradores constroem posições identitárias? Quais marcos de diferença mobilizam nessa compreensão? Que negociações realizam a medida em que selecionam temas e personalidades e, portanto, memórias a serem visibilizadas por meio das pinturas nos muros? Que memória é esta a que reivindicam?

## 2 CAFÉ COM PROSA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO ELABORAÇÃO COLETIVA DO ROTEIRO DE PINTURA DO PROJETO REDUTO NEGRO



Figura 1 - Café com prosa. Da esquerda para a direita: Eunice Cruz, Capitão Nelsinho, Sandra Izilda, Mary Ivone e Priscila Costa. Fonte: A autora

Revisitar as vivências do projeto Reduto Negro durante a realização desta pesquisa possibilitou localizar questões que precisaram ser superadas na busca por uma real construção de conhecimento. A transcrição das filmagens realizadas no encontro “Café com prosa” foi oportunidade para ampliar a compreensão dos sujeitos que, partilhando suas narrativas me apresentavam uma complexa trama do viver no bairro. Momento para reconhecer ainda que, havia um hiato entre a abordagem e proposta de elaboração do roteiro de pintura e os sentidos que os antigos moradores construía a medida em que, provocados, transitavam em fluxo não linear entre passado, presente e futuro. Nas denúncias e reivindicações que traziam e para as quais naquele momento não nos atentamos, vide o anseio por um relato, um “resgate de memória”. A partir destas considerações, explico que, a realização desta pesquisa soma-se a dialética do contínuo vir-à-ser professora e pesquisadora. Uma valiosa chance de rever processos e refletir sobre a própria prática.

Sobre a crítica que construo, Sousa (2008) contribui ao sinalizar que, o velho assim como a cultura popular não pode ser compreendido em abordagens reducionistas; denunciando que “a violência exposta sobre o popular está em vincular tradição como objeto estático, reduzido ao espaço e diluído no tempo” (Sousa. 2008, p.47), assim como se violenta o velho ao



abordá-lo como mero recipiente de memória. Bem, é fato que, quando da proposição do Reduto Negro, o primeiro enfoque, o que se buscava, era de alguma forma acessar a memória dos antigos moradores. Daí a proposta de construção de um roteiro, uma espécie de fragmento do passado. Mas ocorre que, embora conformado em suas limitações, o projeto foi recebido e apropriado pelos moradores, a seu modo. E assim, os sujeitos dão evidências de suas táticas e estratégias, reivindicando o seu existir no espaço e tempo, em sua totalidade, situando no presente sua vivência ancorada em suas memórias. Sinalizando que, como assertivamente propõe Certeau (1998, p.38) “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”.

Tateando as complexidades que escaparam a feitura do roteiro, analisemos o que nos relevam os sujeitos. Dona Nice, como é chamada por todos a senhora Eunice Cruz, cantora e rezadeira da Companhia Folia de Reis Pena Branca, narra sua trajetória familiar até chegar ao Patrimônio e justifica assim sua afeição pelo bairro. É este o lugar para onde veio ainda criança, e no qual tem construído sua história de vida. Emoção que, em seguida, mostra outra face: “a gente não tá gostando muito porque eles tá colocando prédio demais perto das nossas casas. Mas é progresso, né, nós temos que aceitar”. O que ela revela é o estranhamento, a convivência que lhe é imposta mediante a verticalização da cidade. A experiência de ter vizinhos desconhecidos e olhares que agora não se findam ao fechar o portão; olhares vindos das janelas dos prédios que lhe invadem o quintal. A cidade dita progresso:

E o progresso, discursado como processo irreversível e desvinculado do esclarecimento, traz consigo as transformações materiais no espaço onde acontece cotidianamente as relações sociais. Esse progresso indica mudança na forma de entender o tempo, agora em ritmo acelerado. E por causa desse ritmo do irreversível, o sentido de viver o cotidiano nas relações interpessoais passa a ser atribuído agora a algo impessoal, tornado em si mesmo como discurso oficial da estrutura social. (Sousa. 2008, p.47)

Mas isso não acontece sem denúncia. Progresso foi palavra capaz de inquietar dona Mary Ivone da Silva, a fazendo erguer a mão e romper com a dinâmica de falas que seguia sequenciada conforme a distribuição dos participantes na roda – ansiava ser ouvida. Ela que tem 69 anos, inicia sua fala se situando no espaço, gesticula mostrando onde moravam seus familiares e demarca: “eu nasci aqui, nas casas populares”. E assim a história de Dona Mary Ivone se aproxima da história da cidade, ao considerarmos o que foram as ‘populares’ para o projeto de cidade que se erguia. Como aponta Lourenço (1986), foi na década de 1940

que em decorrência de loteamentos e a aquisição destes terrenos feita por Nicomedes Alves dos Santos, proprietário do Frigorífico Ômega, que o Patrimônio avistou os primeiros traços de urbanização. Mesmo período em que a câmara municipal realizava estudos de onde seriam construídas as primeiras 50 casas populares de Uberlândia, pela Fundação da Casa Popular. Projeto que só foi concluído em 1954, na gestão de Tubal Vilela da Silva, responsável por um Plano Diretor voltado para a expansão e organização do espaço urbano. Na década de 1950 o Patrimônio ainda não tinha, nem mesmo rede de esgoto (Lourenço, 1986, 23). O progresso e as disputas em torno dele acompanham Dona Mary Ivone, afinal ela é dentre os participantes, a única pessoa que nasceu e ainda permanece vivendo no bairro. E é partindo desse viver, de toda uma vida nesse mesmo lugar, que ela queixa o que sente que lhe foi subtraído:

*“Como a Nice falou sobre o progresso, a gente aceita, mas tirou a nossa liberdade, né, de bater caixa, de dançar, festa em casa. Hoje até nos domingos durante o dia se colocar uma música um pouco alta a polícia chega, o povo chama a polícia. Então o progresso acabou com a nossa liberdade porque aqui era um lugar que todo mundo era festeiro, né. Todo mundo gostava de festa! Como diz, o Reduto Negro, né. Aí tinha os bailes de sanfona no início, os casamentos, os aniversários, tudo era sanfona. E era aquele baile que amanhecia. Amanhecia! Depois veio a discoteca, passou a ser disco de vinil as festas, mas era tudo liberdade. A minha turma, a minha época por exemplo, foi a época do pick-up, quando saiu o pick-up não sei se você conheceu (risos). Era uma eletrola pequena, você conheceu? Não sei se vocês conheceram. Então a gente tinha uma pick-up porque tinha muitas casas que não tinha energia elétrica e esse pick-up era com pilha. Então a gente saía fazendo festa na casa de um, na casa de outro, aí chamava invasão as nossas festas (risos). A gente tinha a turma né, então tinha que aceitar a festa na sua casa. Cada dia era num lugar, nas férias então a gente dançava todos os dias. Aí chamava invasão, a gente chegava, tirava as coisas do lugar e ia dançando. Não adiantava a pessoa não querer (risos do grupo). Aí durante o dia, era férias, a gente ia para casa onde a Priscila morava aqui, que era a casa do meu tio, era subir nos pés de manga, apanhar goiaba. Porque a nossa vida foi assim, né, tudo natural, até maracujá a gente apanhava na cerca de casa. Jaboticaba, goiaba, manga, tudo era natural. E assim a gente viveu a vida. E hoje estamos aí com o progresso, mas sem liberdade.”* (Mary Ivone da Silva. Entrevista: 08/2021)

Ora, como demarca Pollak (1992, p204), “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. [e que] As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”; consideremos que, Dona Mary Ivone percorre entre suas memórias, caminhos interessados. Ao narrar as festas ‘invasão’ com sua turma e a pick-up a pilha, ela busca ancorar a partir da vivência, sua denúncia: “E hoje estamos aí com o progresso, mas sem liberdade”. A seleção de memórias que organiza faz frente as limitações que vêm sendo impostas pelo processo de gentrificação as festividades no bairro. Transparece também a diferenciação que faz entre os atuais moradores do bairro: se refere como “povo” aos novos moradores que vêm ocupando os

edifícios, demarcando assim um eles – que vieram com o progresso; e um nós – que já estávamos aqui. Evidência de que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade [...] na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (Pollak, 1992, p.205)

No livro *A invenção do Cotidiano*, Michel de Certeau (1998), propõe o conceito de *usos* como operadores de apropriação da cultura. Segundo este autor, os usos dão conta das práticas e táticas que, sempre mantidos em dinâmicas relacionais, os sujeitos elaboram; sistemas de práticas que se produzem e (re)organizam a partir das condições do momento e local específico. Dona Mary Ivone se revela mestre na *arte de dizer*; expressão utilizada por Certeau (1998) para se referir à prática discursiva enquanto ato: produção e circulação de sentidos. O que ela demonstra é a atividade criativa e plural do sujeito que interpreta, produz significados múltiplos, os transforma, e de forma perspicaz utiliza em momento oportuno. Através da arte de dizer, os sujeitos se apropriam e (re)inventam formas de compreender e agir no mundo. É assim que ela incorpora a sua fala o nome do projeto, Reduto Negro, para afirmar o valor positivo que atribui ao bairro, a sua vivência. Ao ser questionada pelo grafiteiro Dequete se a expressão já era comum no vocabulário da comunidade, toma consciência e assume a condição de novidade: “essa palavra do reduto, é um termo novo pra gente. Assim, ele veio depois, né. Porque no nosso tempo não falava. Porque era: - Nossa, longe demais e não sei o que!”. E segue nos apresentando por meio de suas memórias, relatos sobre aspectos de marginalização do bairro:

*“Olha, vinha o pessoal de Uberlândia inteira dançar aqui. O Patrimônio é um bairro que todo mundo falava, o Patrimônio foi muito falado, muito [pausa] muito discriminado. O Patrimônio foi muito discriminado, mas era o lugar em que o pessoal vinha. Sabe, se fazia uma festa, um casamento, estava todo mundo aí. E assim nós crescemos, dançando. Aí tinha a escola de samba, né, e tudo mais. [...] Aqui era dos lugares mais longe, mais longe da cidade. Se falasse que morava no Patrimônio? Deus me livre!”* (Mary Ivone da Silva. Entrevista: 08/2021)

Lourenço (1986, p.23) nos dá pistas sobre a discriminação da qual fala Dona Mary Ivone, pois ao registrar a composição étnica do bairro, delimita a dinâmica social: “moradores de outros locais da cidade, que classificam o Patrimônio como sendo um “bairro de pretos”. Por outro lado, pessoas da raça negra que residem em outros pontos da cidade tem os negros do Patrimônio na conta de “perigosos” e “maus” ”. Em mais uma clara evidência da impossibilidade de homogeneizar a experiência negra no município o que Lourenço sinaliza são condições em que posições identitárias se formam a partir de um duplo marco de diferença:

em relação a cidade nos termos “bairro de pretos”; e de um recorte dentro do grupo étnico “pretos perigosos e maus”. Contudo, os fatores pelos quais tais adjetivos eram atribuídos aos moradores do Patrimônio não são mencionados. Mazelas desveladas a partir da denúncia sobre a liberdade cotidiana subtraída. E é justamente esse cotidiano, a celebração do viver no Patrimônio a tônica da narrativa que nos é apresentada em seguida:

*“Eu sou Priscila, Priscila Freitas da Costa Xavier, eu sou prima da Mary. Eu tenho quarenta e um anos e desses quarenta e um anos que eu tenho de vida, trinta eu morei Patrimônio. Então eu costumo dizer que eu fiz tudo enquanto eu morava no Patrimônio. Nasci, cresci, tive meu filho mais velho, me formei, casei, tive a minha filha, que eu tenho mais nova. E tudo aqui! A minha filha não lembra tanto do Patrimônio porque quando eu mudei daqui ela tinha dois anos. Mas eles falando assim, eu estava lembrando. Engraçado que ontem eu fazendo a unha, a menina me perguntou um negócio e eu falei: não, eu tenho uma reunião na terça-feira lá no Patrimônio. Ela falou: lá é onde você fala que morava? Porque lá onde eu moro é um condomínio, tem setecentas casas, mas lá não tem barulho, não tem, eu brinco às vezes que não tem gente. O Patrimônio sempre teve muita gente, a gente sempre foi muito próximo. Aí eu estava contando pra ela, não menina, lá nós éramos assim ó, novembro e dezembro a gente estava envolvido, janeiro, com coisa da Folia. Aí a folia vinha, junto com a folia, chegava o carnaval. E a gente estava nas coisas do carnaval, aí vinha a quaresma. Não fazia nada porque naquela época, a quaresma se respeitava. A gente ficava em casa e tinha várias histórias vinculadas a quaresma e a gente ficava em casa. Passava a quaresma vinha a festa das mães essas coisas, e a gente sempre envolvido com as coisas. E quando eu falo a gente era todo mundo, todo mundo ia na festa de todo mundo. Aí vinha festa junina, tinha fogueira nesse Patrimônio inteiro, levantava santo no Patrimônio inteiro. [...] Era terço no fulano, terço no ciclano, na tia ... É igual quando o Nelsinho foi apresentar. O tio Nelsinho é o tio Nelsinho da Folia, de sempre, de todo mundo. A minha tia, a tia Elza, é minha e de todo mundo que morou no Patrimônio. Então assim toda minha história está aqui no Patrimônio, né, eu acho muito interessante a gente fazer, né, todas essas ações pra levantar. Lembro até hoje quando a gente começou, trouxe o ensaio pra cá [Terrerão do Samba]. O Patrimônio, eu tive toda a minha história, toda minha história de vida tá aqui, ela é aqui. Eu lembro o dia que eu liguei e falei, Douglas, vou fazer meu reinado e eu quero, eu faço muita questão de que ele seja lá, de que ele seja aqui, né, quero ele seja no Patrimônio, porque é o meu lugar. Apesar de eu estar fora daqui a gente ainda tem muito laço, muito vínculo né. Todo laço, todo vínculo está aqui, porque tudo é aqui. Tudo sempre foi aqui. Na minha casa tinha muita festa, e não era, assim, era muito comum no dia da festa, a gente pegava todos os meninos e a gente molhava o chão e colocava os meninos pra brincar em cima pra terra assentar, na hora da festa não subir poeira. E eu fiz isso a minha infância inteira, e assim foi a que a gente sempre fez, e foi muito gostoso. Ser chamada de nega do pé vermei, você é do Patrimônio (indagação), as nega do pé vermei. É! Porque aqui é uma terra vermelha diferenciada de outros lugares da cidade. É algo que pra mim sempre foi muito gostoso e eu encho a boca pra falar: eu sou do Patrimônio! Eu fiz pós-graduação e o meu projeto de conclusão foi uma monografia sobre Patrimônio, o berço da cultura negra de Uberlândia, porque tudo né, tudo tá aqui. Então assim, pra mim, é muito gosto estar aqui, eu vejo assim que com quarenta anos, eu acho que eu sou mais nova dos que falaram aqui, mas que tudo o que eles falaram, me remete a meu avô, a minha avó, a tia Fiinha, a minha própria tia Elza. A minha vó Carminha que não era de nenhum um movimento cultural, mas era avó de todo mundo. A vó Carminha que era da igreja, que a minha vó era da Congregação, mas era*

*da igreja, que mesmo sendo da Congregação fazia questão que a gente fosse lá vestido de congo pra ela dá benção pra gente subir pra igreja. Fez isso a vida inteira, a vida inteira! Tanto que o Jeremias fez um livro que tem uma foto do meu filho mais velho com ela: a minha avó tá na cama toda na coberta, ela já estava bem velhinha e meu filho está sentado com ela dando a benção. Tem um livro do Jeremias que tem essa foto, o Jeremias Brasileiro, ele usou essa foto. Até na época ele falou, Priscila eu tenho que mostrar.”* (Priscila Freitas da Costa Chavier. Entrevista: 08/2021)

Ao afirmar que tudo o que fez em sua vida, fez enquanto moradora do Patrimônio, Priscila constrói uma linha temporal na qual se situa ao nascer, crescer, tornar-se mãe e esposa; ela é prima de Dona Mary Ivone, sobrinha de Elza, neta de Dona Carminha. Para além dos laços sanguíneos, estabelece ainda familiaridade com Capitão Nelsinho, afinal “o tio Nelsinho é o tio Nelsinho da Folia, de sempre, de todo mundo. A minha tia, a tia Elza, é minha e de todo mundo que morou no Patrimônio”. E é a partir destes marcadores que a jornalista nos apresenta seus modos de se referenciar no bairro. Caminhos que passam pela emoção, pois mesmo morando em outro lugar é no Patrimônio que ela abriga seus vínculos. O que ela nos revela em suas palavras é que, como posto por Martin-Barbero (1997 p.274) “o bairro surge, então, como o grande mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade, um espaço que se estrutura com base em certos tipos específicos de sociabilidade e, em última análise, de comunicação: entre parentes e entre vizinhos”. Divergindo da lógica do mercado de trabalho em que se é reconhecido por meio de quesitos profissionais; no bairro há possibilidade de ser reconhecido em qualquer situação.

É esta condição que move o interesse dos participantes do “Café com prosa” a indagar meus vínculos com o Patrimônio. E quando ao ser questionada, revelo ser neta do Sr. Eterno e de Dona Teresinha que moravam ali, na Francisco Galassi; é uníssono o reconhecimento. Sandra Izilda, a quem conheci nessa oportunidade, dispara:

*“O Eterno é irmão da comadre Lázara e da comadre Francisca, os meninos meus afilhados. Pegava quando chegava no sábado, e tinha aniversário na comadre Lázara a gente ia pra lá nas festas. Era o ki-suco que não podia faltar, pão murcho e as peles. Porque era o que dava pra servir. E a gente dançava até de manhã, aquela beleza!”* (Sandra Izilda. Entrevista: 08/2021)

E a prosa seguiu me surpreendendo, caminhos pelos quais tomava consciência da existência de outros marcos referenciais para me localizar no bairro; Sandra Izilda me reconhecia em um “a gente”. Vivi ainda um mergulho, disparado pela feição de admiração e espanto de Dona Mary Ivone seguida de sua manifestação de solidariedade e acolhimento: “Oh, menina! Seu pai era um moço tão bom, tão educado com a gente. Que judiação o que fizeram

ele!”. Os instantes de silêncio que vieram em seguida, me transportaram para um lugar que mesmo hoje, na tentativa de narrar, só consigo sentir. Era imperativo o viver, eu estava ali, desnuda em minhas fragilidades. Rendida a um elo em que passado e presente amalgamados, feito fio, conduziam a emoção; os gestos que dialogavam, um sorriso acanhado que se esboçava. Entre recortes de olhares e tudo o que não precisava ser dito, uma cartografia afetiva “foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles” (Rolnik 2011 p.26). Ocorre que essa vivência me situou, e por consequência, situou o projeto Reduto Negro no campo do familiar; o projeto era conduzido por uma “parente”. O grupo me apresentava ali, uma “solidariedade duradoura e personalizada” (Martin-Barbero, 1997); me dava indícios de modos de sociabilidade experienciadas no bairro e que eu não havia ainda vivenciado.

Sociabilidade capaz de delinear lugares de reconhecimentos, “o bairro nos coloca na pista da especificidade de produção simbólica dos setores populares na cidade. E não só na religiosidade festiva, mas também na expressividade estética” (Martin-Barbero, 1997 p.274). Condições pelas quais, por meio das suas táticas, os moradores se apropriam e passam a produzir sentidos sobre a proposta de intervenção com graffiti. Evidência da ampla “capacidade popular de produção cultural hoje no espaço urbano, bem como do papel que o bairro pode desempenhar como lugar de instalação dessa criatividade” (Martin-Barbero, 1997 p.275). O bairro enquanto território de práticas e criação, é revelado por Priscila em sua narrativa como sociabilidade permeada pela festividade: o carnaval, a Folia de Reis, a ausência de determinadas práticas em período de quaresma, a celebração do dia das mães, as festas juninas, os ritos de benção e benzimento que contraditoriamente margeiam confissões de fé que negam tais costumes. Não se trata de mera tentativa de delinear um calendário de celebração, mas anseio por demonstrar situações pelas quais o cotidiano pôde ser cultivado, a cultura manifesta no viver e fazer diário, cultura comum, ordinária. As faces do popular. Das condições que inscrevem um cotidiano no qual “ a ordem efetiva das coisa é justamente aquilo que as táticas populares desviam para fins próprios” (CERTEAU, 1998 p.88). Neste sentido, consideremos ainda que as celebrações, seja por meio de sua recorrência ou reaparecimento demarcam e singularizam a temporalidade social e que, no entanto, a festa não é elemento que se opõe a vida cotidiana; ao contrário é fonte pela qual os significados de pertencimento a comunidade são revigorados (Martin-Barbero, 1997).

Cultura popular fala então não de algo estranho, mas de um resto e um estilo. Um resto: memória da experiência sem discurso, que resiste ao discurso e se deixa dizer só no relato. Resto feito de saberes inúteis à

colonização tecnológica, que assim marginalizados carregam simbolicamente a cotidianidade e a convertem em espaço de uma criação muda e coletiva. E um estilo, esquema de operações, modo de caminhar pela cidade, habitar a casa, dever televisão, um estilo de intercâmbio social, de inventividade técnica e resistência moral. (Martin-Barbero, 1997 p.115)

As memórias articuladas para desvelar esse cotidiano permeado por variadas manifestações balizou o grupo para no momento de escrita do roteiro de pintura eleger os elementos “tambores e bandeiras” como representativos do bairro. Situação em que Priscila declara: “tambores e bandeiras não podem faltar porque tem os tambores que fazem música, a Folia tem a bandeira e tem música, o congado tem bandeira e tem música, os times de futebol tem a bandeira e tem as charangas que tem música. Então tambor e bandeira têm que ter sim!”. Fala que referendada por Dona Mary Ivone que considera a escolha destes elementos como “essencial”. Artes de fazer que se (re)organizam: frente a crescente redução da possibilidade de que a sonoridade própria dos elementos selecionados ecoe pelo bairro, articulam-se condições para que esse cotidiano possa ser reivindicado e rememorado a partir do silencioso grito estético viabilizado pelo graffiti. As reconfigurações do espaço urbano e os deslocamentos que por vezes são impostos aos sujeitos permitem localizar no relato de Priscila, denúncia sobre a cidade que cresce promovendo a lógica dos bairro-dormitórios: “lá onde eu moro é um condomínio, tem setecentas casas, mas lá não tem barulho, não tem, eu brinco às vezes que não tem gente. O Patrimônio sempre teve muita gente, a gente sempre foi muito próximo”. Ela nos conta sobre a transformação na dinâmica familiar que, frente a perda da matriarca, se vê sem um agente mediador dos conflitos para defesa do espaço. Fato pelo qual as famílias cedem as investidas de compra, em tentativa de (re)construção dos elos de unidade, em uma busca por dar a cada um a parte que lhe é de direito. Há aqui uma complexa disputa na qual a dissociação do sujeito do espaço em que construiu seu viver, apresentam-se como única possibilidade de manutenção dos laços familiares. A formação das novas periferias é imposta, uma vez que o alto custo afetivo mobilizado pela venda, só encontra medidas que possam ser tomadas como compensatórias em determinados espaços da cidade: “eu mesmo fui lá pro outro lado da cidade, perto do aeroporto, porque na época eu queria comprar alguma coisa, não queria morar de aluguel” (Priscila – Entrevista, 2021).

Priscila ainda nos dá pistas sobre um cotidiano que longe de estático, cristalizado nas memórias ou mesmo no passado, é manifesto em *artes de fazer*. Razões pelas quais ela, refletindo sobre as motivações de sua participação no projeto Reduto Negro considera “muito interessante a gente fazer, né, todas essas ações para levantar.” Declarando em seguida “Eu lembro até hoje

de quando a gente começou, trouxe o ensaio pra cá [Terrerão do Samba]”. O que Priscila, timidamente rememora, é o período de quase uma década em que esteve como presidente da Escola de Samba Tabajaras. Situação na qual, por sua articulação, os ensaios ganharam novas roupagens em virtude da regularidade com que ocupavam o espaço que se formava do Terrerão do Samba. Uma dupla dinâmica se constituía: modos de organização de práticas que vão que se estruturam e demarcam lugar; o local que, por abrigar as práticas, se solidifica e ganha notoriedade na comunidade. O relato de Priscila nos aproxima assim, do posto por Martin-Barbero ao analisar as dinâmicas nos bairros populares de Lima, situação na qual considera que:

o acesso à cotidianidade do bairro passa necessariamente pelo reconhecimento do protagonismo das mulheres [...] E elas fazem o bairro a partir de uma percepção do cotidiano configurada basicamente na maternidade. Uma maternidade social que em vez de se fechar na família faz do bairro seu espaço de instalação e exercício. [...] Nessas condições, a mulher se constitui como a recriadora de uma sociabilidade primordial que é ao mesmo tempo encontro e mediação. Não se trata de ser dirigente em vez de mãe, mas sim de o ser porque se é mãe e esposa (Martin-Barbero, 1997 p.272, 273).

Dona Eunice, é outra mulher que se soma ao aspecto aqui destacado, pois enquanto esposa do Capitão Nelsinho, assume as funções de cantora e rezadeira da Companhia de Folia de Reis Pena Branca. É ela que nos conta sobre as formas pelas quais a festa se mantém viva: arrecada recursos; dissemina ritos; o percurso da Folia no bairro e as mudanças vivenciadas ao longo dos anos.

*Às vezes, gente de outra cidade, faz o voto lá, e vem cumprir na nossa Folia. Então, aí vem cumprir o voto: vou pôr o meu filho, vestir meu filho de anjinho, ou então eu vou [...] vocês me ajuda a cumprir um voto, que eu fiz pro meu marido que estava doente, aí eu vou andar três dias com a bandeira. Aí, junto com a Folia, né? Aí nós temos o affair da bandeira, e a pessoa vai três dias, andando junto. Aí acabou o voto, a pessoa fala assim: é venceu meus três dias Seu Nelson. Aí ele fala, então ajoelha aí, aí a pessoa ajoelha ele [Capitão Nelsinho] canta, agradece, pede a Deus proteção pra aquela pessoa. Aí ela pega e dá uma boa ‘groja’, isso aqui é pra ajudar na festa (riso). E assim a gente vai recolhendo, quando é fé, a gente está com uma bela festa, e todo mundo divertindo, todo mundo com religião. Hoje em dia nós faz até a procissão, a gente vai rezando, cantando, geralmente sai da minha casa porque ele é o capitão, né? Então aí a gente sai da minha casa e vai lá pro poliesportivo. Antigamente era pertinho de casa, a gente fazia no grupo [escolar]. Só que aí, surgiu uma coisa lá que a gente não pode mais fazer no grupo, porque lá é de deficiente, então não pode. Mas aí já tem o poliesportivo e eles entende.*

**- E quem puxa a reza?**

*Eu! Eu sou cantora na Folia e rezadeira. Às vezes nós acabamos de chegar numa casa, e a mulher fala assim (mãos juntas em frente ao peito, em posição de quem reza): Vocês reza um terço pra mim pelo amor de deus? Eu já estou rouquinha. Aí eu falo assim, tá! Não, mas eu quero é cantado (riso). E eu tenho que cantar, mas Santos Reis me dá força. E eu canto,*



*e nós reza e fica até bonito (riso).* (Eunice Cruz. Entrevista: 08/2021)

O reconhecimento do protagonismo feminino aqui evidenciado contudo, não é, na situação de montagem do roteiro de pintura, balizador para as escolhas que são feitas pelos sujeitos. Para compor um dos murais, a figura de Capitão Nelsinho foi indicada; em uma tentativa de expressar o desejo de que um “reconhecimento em vida” alcance os membros da comunidade. Não houve, entretanto, nem mesmo menção para que Dona Eunice fosse homenageada junto ao companheiro. A vivência feminina, vital a articulação e manutenção das práticas foi invisibilizada pelo poder exercido pelo título de capitão. Nesse sentido, se faz notória a singularidade do viver experienciado pelos mestres da cultura popular. Particularidade que reside no fato de que, em sua maioria, eles experienciam de modo concomitante distintas relações com o trabalho: uma que se enquadra dentro da lógica da especialização, da distribuição desigual do trabalho e seus produtos (e que não é em nenhum momento reivindicada); e outra em que se supera a fragmentação, em que se tem o total domínio do brinqueado, em que há a reinvenção afetiva do trabalho, a possibilidade de valorização, reconhecimento e mesmo titulação junto ao seu grupo social.

O que se vê é o rompimento e superação da lógica de produção, mas sem que haja emancipação efetiva a medida em que se perpetuam e se consolidam hierarquias de gênero. A invisibilidade das mulheres na constituição do bairro, frente a proposta de roteiro se faz em duas vias. Temos aquela que chamarei aqui de mulher comum, que nos termos postos por Priscila, embora seja “uma figura que todo mundo conhece aqui no Patrimônio, [...] não é das manifestações culturais”; e aquelas que apesar de ter o seu viver intimamente ligado a expressões culturais, seja a escola de samba ou a Folia, sucumbem aos títulos. Condições pelas quais o cotidiano protagonizado por elas não assume a forma de faces e figuras femininas, nem mesmo quando elas compõem majoritariamente o grupo decisório. No roteiro criado para o Reduto Negro, dentre os sete murais pintados, nenhuma mulher foi homenageada. Razões que motivam a indagação sobre a forma como as mulheres do Patrimônio dão sentido as suas vivências junto as dinâmicas do bairro. O que revelariam se chamadas a construção de um narrar a si?

Compreendendo que a proposta de “resgate histórico” implícita no roteiro de pintura do projeto Reduto Negro pôde atuar como condicionante para as escolhas apresentadas cabe ainda questionar: as contradições aqui explicitadas são localizadas em outras instâncias da comunicação no bairro, que não as conformadas pelo projeto? Que outras leituras são feitas a partir do Reduto Negro? As disputas acerca de posições identitárias se encerram em termos de

“nós” – antigos moradores e “o povo” que veio depois como demarca Dona Mary Ivone? As denúncias sobre as transformações no espaço do bairro se fazem presente na comunicação cotidiana? Quais fluxos se constituem no trânsito em rede vivenciado pelos sujeitos? É em busca por responder tais questões que o percurso traçado para análise da ação dos sujeitos, as táticas e estratégias que elaboram, passa mirar as trilhas construídas em ambiência digital.

Somam-se as questões aqui apresentadas a leitura dos mapas, evidências das transformações do espaço da cidade de Uberlândia:

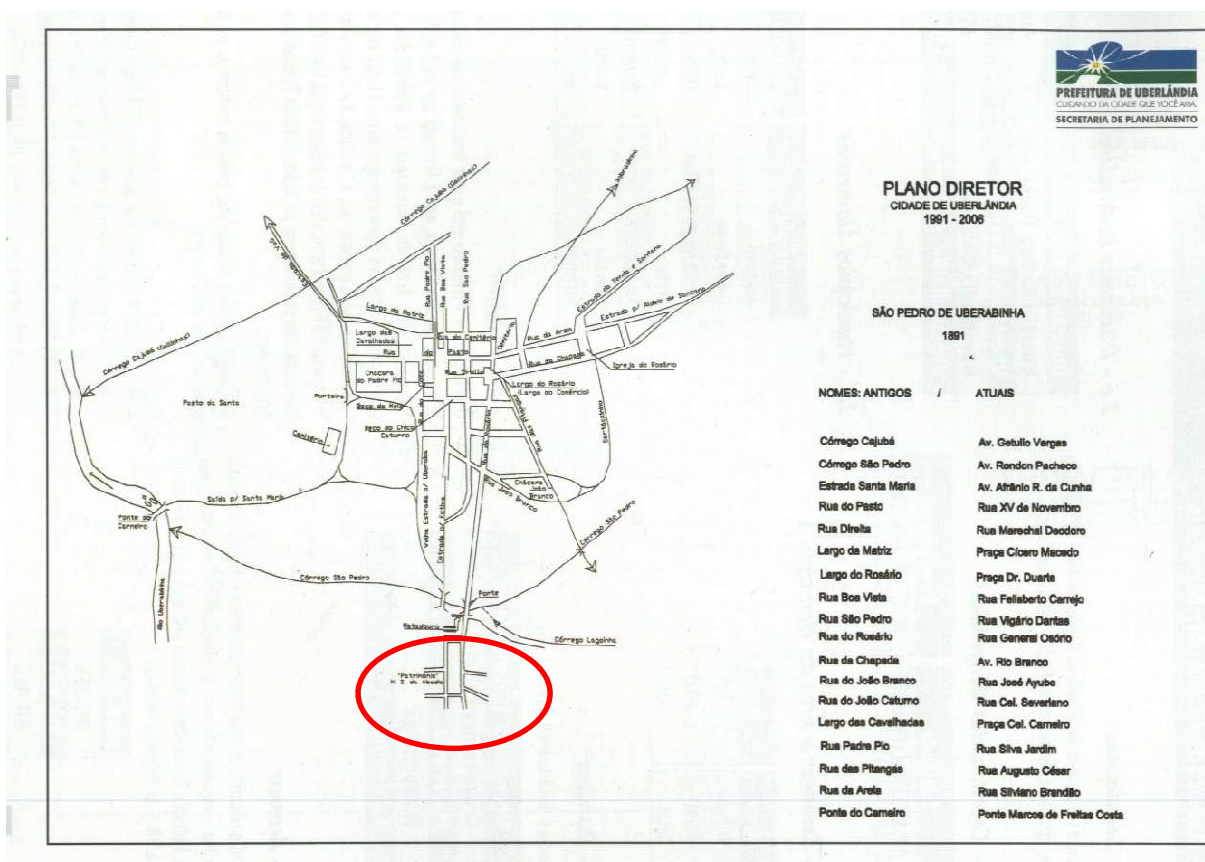


Figura 2 -Mapa São Pedro de Uberabinha 1891 - Fonte: Prefeitura de Uberlândia. Marcação sobre mapa: a autora.

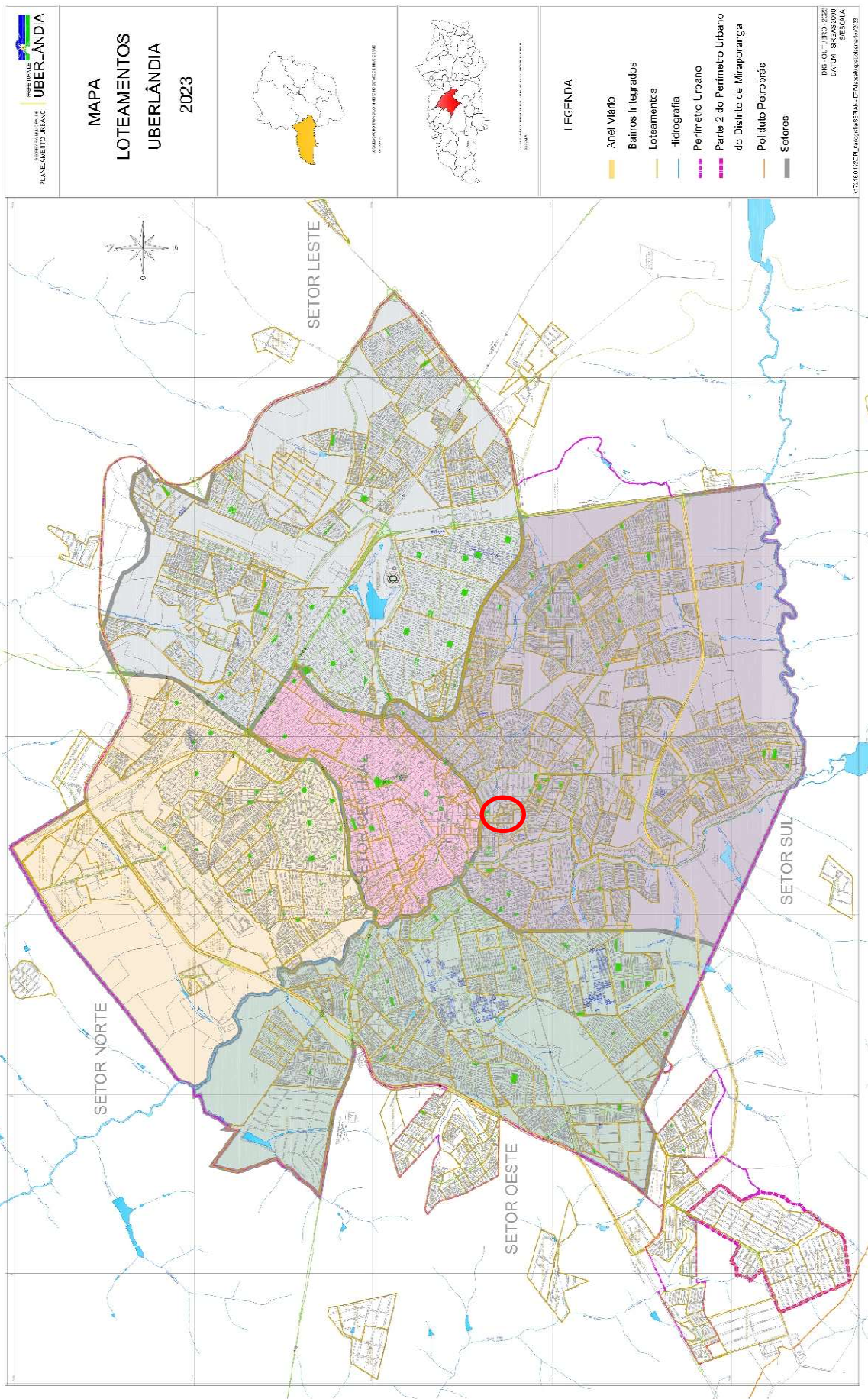


Figura 3 - Mapa Loteamentos 2023. Fonte: Prefeitura de Uberlândia. Marcação sobre mapa: a autora.

### 3 ARTICULAÇÕES EM REDE: APONTAMENTOS SOBRE O VIVIDO EM AMBIÊNCIA DIGITAL

Sabedora de que há possibilidades várias na definição de percursos teóricos/metodológicos, importa elucidar, que esta análise ancora em um cais banhado pelas águas da vinculação dos estudos culturais a comunicação. A este respeito, o esforço empreendido por Gutman no livro *Áudio visual em rede* (2021), para estruturar um pensamento que busque servir como lente sobre as formas expressivas/culturais do audiovisual: não apresentando resoluções fechadas ou propondo análises dicotômicas, mas com mira a ampliar a compreensão da mediação enquanto problemática; considerando os tensionamentos, as disputas e principalmente as relações e articulações é muito caro ao desenvolvimento da análise aqui proposta. A partir desta autora, das formulações que constrói, das aproximações entre Martín-Barbero e Grossberg que elabora, é que localizo pistas potentes que aqui busco perseguir. Consideremos, portanto, que como provoca Gutmann (2021), já não partimos de termos como “entrar” e “sair” para nos referirmos à internet e aos movimentos que empreendemos junto a computadores ou qualquer outro dispositivo que nos dê acesso a ela.

A comunicação que desenvolvemos com e por meio da internet se complexifica, afeta e se deixa afetar, a medida em que produzimos e naturalizamos modos do *estar conectados* cada vez mais integrados e indissociáveis ao viver contemporâneo. Os espaços que habitamos são formados por audiovisuais em rede: fluxos de textos, sons e imagens; “As formas audiovisuais que aqui circulam já não são mais da ordem estrita do registro, da escrita, da linguagem, do arquivo, mas dos trânsitos, das conexões e dos repertórios” (GUTMANN, 2021, p.16). Assim, pensar ambiências, a exemplo do Facebook partindo da dicotomia proposta por termos como como real e virtual, implicaria negar uma gama de atravessamentos experienciados nesta dimensão do vivido. É partindo desta compreensão que busco construir um olhar que, como posto por Gutmann (2021), não se limite a plataforma, mas a compreenda como ambiência por meio da qual se expressam e formam redes de articulações entre sons, textos e imagens, afetos, corpos e desejos. Em uma abordagem que considere que:

a comunicação é a própria tessitura de nossa experiência social. Não mais meramente ligamos e desligamos a TV, entramos e saímos da Internet, atuamos “no digital” ou “no analógico”, no on-line ou off-line, mas habitamos um entorno comunicativo altamente conectado; um ecossistema (ou ecossistemas)

pelo qual nos inscrevemos enquanto sujeitos, vemos e somos vistos (Gutmann, 2021, p.18).

É este entorno comunicativo altamente conectado que convoca reflexões que tomem a mediação como problema. Gutmann (2021) recorre à produção de Martín-Barbero para sinalizar um lastro na compreensão da mediação enquanto processos de relações; considerando essa última, a partir de Grossberg como expressiva dimensão do vivido. Nestes termos, a mediação é compreendida como instância ou campos de articulações, o que implica reconhecer o constante processo de atualização e transformação, sua (des)continuidade; os fluxos de movimento que a medida em que se produzem, dão formas a realidade vivida e experienciada. Para Gutmann (2021 p.43) “a mediação é expressiva, tem contornos materiais e descreve sempre uma rede (viral)”. Analogia potente para pensar a mediação, pois é na relação entre vírus e hospedeiro, que se expressa um ciclo de transformações e que, por sua vez, produzem as materialidades desse encontro. A pesquisadora, ancorada em Martín-Barbero afirma ainda que compreender a mediação enquanto formas de práticas e experiências, convoca pensarmos a forte relação desta com a dimensão da identidade. E a este respeito a autora pontua que:

Não é possível localizar a identidade, enquanto produção ativa da cultura e da sociedade, pelo que “se é”, mesmo considerando essa identificação em termos de hibridismo ou mestiçagem, mas por um complexo processo de diferença que implica relações de negações e exclusões (para além das pertencas). [...] Afirmar as identidades enquanto móveis, instáveis, fragmentadas não significa dizer que são “tudo” ou “qualquer coisa”, mas que estão sempre em processo na cultura, é o jogo de diferenciação que mobiliza (ou se faz por) ecologias de pertencimento (Gutmann, 2021, p. 44).

A autora recorre a Grossberg, para avançar na construção de um mapa que contribua com a leitura da identidade na contemporaneidade; e dele toma o conceito de afeto que seria a “energia de mediação”. Longe de ser reduzido e limitado ao campo da emoção, o que se propõe é lançar olhos para tudo o que dispara e convoca nosso engajamento afetivo; e as disputas de poder por ele operadas. Razão pela qual assumo a noção de audiovisual em rede (GUTMANN, 2021); por considerar estes trânsitos como expressão de materialidade da mediação; e como possibilidade de conhecer fluxos identitários, afetivos e temporais. E é esta possibilidade de conhecer que mobiliza o percurso aqui traçado. Para a análise aqui proposta, esclareço que não há interesse em quantificar reações, comentários, compartilhamentos e outras expressões que possam ser geradas pelos participantes em ambiência digital; mas sim conexões e articulações

que promovem acerca do investigado. Ao propor pensarmos o audiovisual em rede, Gutmann (2021 p.68) concebe *rede* como “o tecido social de nossa experiência comunicacional, que ocorre de modo disseminado, multicêntrico, pelo qual se constitui narrativas diversas e, muitas vezes, divergentes”. De modo que, rede, não se limita a plataforma ou mídia social, mas forma pela qual se pretende nomear a teia de trânsitos constituídos e experienciados pelos sujeitos.

A autora ressalta ainda que a conexão das comunidades, nos diversos formatos que podem assumir: grupos fechados, seguidores de uma conta, perfis e outros, se assentam em uma complexa dinâmica temporal. É a conectividade o elemento distintivo, aquele que “independe do tempo da transmissão direta do audiovisual, pois é ancorada e atualizada permanentemente pelos sentidos de múltiplas presenças” (GUTMANN, 2021 p.70). É a partir desta compreensão que a ela propõe a ideia de vetor como categoria analítica. Sendo construído pelo pesquisador, o vetor relaciona-se diretamente com o problema e as perguntas que se almeja fazer:

A ideia de vetor remete a um acontecimento que não é mais unitário e fechado em si, mas dispara e mobiliza fluxos de imagens, sons, informações, práticas sociais e rituais que nos dizem sobre identidades e suas disputas. Também não é difundido apenas por um meio específico, mas se espalha por diversas ambiências e é constituído de modo enredado por variadas expressões (por isso em rede). O vetor seria uma possibilidade de constituir, no movimento analítico, esse tecido material. [...] Aposto na noção de vetor audiovisual como possibilidade de rastrear e mapear um determinado conjunto audioverbovisual enredado. Ou seja: a apreensão dos audiovisuais em redes é possível, em termos analíticos, a partir da identificação/localização de um vetor e dos fluxos disparados a partir e em torno dele. Essa mobilização deve estar sempre atrelada ao problema que se pretende investigar, por isso não há uma demarcação a priori sobre onde ele começa e onde termina. (GUTMANN, 2021 p.71).

É partir desta compreensão que o Reduto Negro é tomado aqui como vetor, e as conexões por ele articuladas assumidas como objeto de análise. Neste primeiro momento, importa sinalizar que ao partilhar parte do cotidiano do bairro, fui convidada a participar do grupo fechado “Patrimônio das Antigas” no Facebook, e que enquanto proponente do projeto de intervenção artística, como parte da contrapartida ao financiador, utilizamos os perfis @dequete e @pretaemflor no Instagram para divulgação de processos de pintura, desenvolvimento das ações e os registros fotográficos dos murais em graffiti, todas acompanhadas da tag #redutonegro. Tais publicações contudo não movem o interesse neste trabalho. A ideia de vetor aqui explorada busca demonstrar formas engendradas de trânsitos, a constituição de uma rede

de atravessamentos em ambiências distintas, capaz de revelar a ação dos sujeitos que em diálogo com o projeto constroem fluxos em derivas próprias. Inspirada pela proposta de representação visual do mapeamento feito a partir de um vetor realizada por Gutmann (2021); apresento parte da trama constituída aqui como corpus de pesquisa:



Figura 4- Reduto Negro em rede. Fonte: elaborado pela autora.

A rede construída e representada na figura, é composta por selfies, fotografias juntos aos murais em graffiti, textos, fragmentos do vídeo/reportagem feita sobre o graffiti tour, imagens/flyer elaborados para ambiências específicas e outros. Parte dos fragmentos foram localizados por meio da hashtag #redutonegro, compreendida aqui não como mero instrumento de organização/quantificação de conteúdos, mas como tecnicidade potente na localização e identificação de articulações identitárias dispostas em rede (GUTMANN, 2021). Nessa trama, temos evidências do trânsito de uma reportagem veiculada em canal da TV aberta, e posteriormente compartilhada em perfil do Instagram de um instituto federal de ensino e no Facebook no grupo fechado dos antigos moradores. Compartilhamento que é feito acompanhado de textos atualizados com os sentidos construídos pelos sujeitos; marcado, portanto, da leitura e significação que elaboram.

A partir da #redutonegro, foi possível localizar fluxos identitários, afetivos e geográficos, que circundam a pluralidade da experiência negra no município e ultrapassam os limites do bairro. Especialmente ao tomarmos as imagens e selfies daqueles e aquelas que saindo de outras regiões, mobilizam condições para se inscrever no espaço da cidade e junto a sentidos de “ancestralidade” e “resistência negra”.



Figura 5 - Captura de tela A #reduto negro. Fonte: Instagram



Figura 6 - Captura de tela B #redutonegro. Fonte: Instagram





Figura 7 - Captura de tela C #redutonegro. Fonte: Instagram

As afirmações de pertencimento, por meio da demarcação da presença é aspecto que se soma ao registrado na reportagem, que transitou entre plataformas e na qual uma jovem estudante declara:

“É muito legal saber que as nossas origens começaram aqui. É muito legal que a escola dê essa oportunidade de ter essa visita técnica pra poder conhecer, saber mais sobre a história da cidade, sobre né, tudo que faz parte da gente. Que a gente, **independente se você mora em outro lugar, alguma vez, alguma família sua já esteve aqui**” (Giovanna Bernardes, 15 anos, MGTV. Grifo nosso)

Em seguida, o professor responsável pela articulação, iniciada no Instagram por meio do convite para o graffiti tour, afirma:

“Nos temos a entrada anual de vários estudantes afro-brasileiros e que muitas vezes não conhecem suas histórias. Então trazer num projeto desse, numa galeria a céu aberto, um projeto tão interessante quanto esse é uma oportunidade também muito interessante de que os alunos, além do contato com a arte possam também ter contato com as suas histórias, seus ancestrais né. Considerando que o bairro Patrimônio é um bairro de onde saiu as grandes diásporas negras de Uberlândia” (Dickson Duarte, professor do IFTM, MGTV)

Em meio aos trânsitos aqui descritos, se revela o tecido social e cultural no qual os sujeitos, ativamente produzem posições identitárias e marcos de diferença. Enquanto vetor, o Reduto Negro assumiu, na rede aqui descrita, a forma audiovisual transmitida em canal aberto de TV, como registro da movimentação no bairro. Reportagem que em seguida, é disparada por sujeitos vários em plataformas distintas; em uma rede de comunicação que nos permite localizar pistas para conhecer fluxos identitários e afetivos. Vão se constituindo sentidos para as quais importa operar reconhecimentos e, atrelado a este as exclusões que lhe são inerentes. Há ainda

o engajamento e derivas de outros sujeitos que assumem a tecitura da trama ao protagonizar derivas próprias. Neste sentido, destaco duas produções distintas: o projeto “No meio do caminho morava uma história” que incluiu o Reduto Negro em um dos episódios da série documental que estavam a produzir sobre a lugares icônicos de Uberlândia e que posteriormente foi veiculado na TV Universitária; e a proposta do coletivo Enegre-se que após criar postagem no Instagram discutindo o significado do termo “reduto”, organiza um ciclo de debates a ser transmitido em canal no You Tube, e que ganha amplos contornos ao propor articulações entre campus do instituto federal em diferentes lugares do país.



Figura 8 -Captura de tela D. Fonte: Instagram



Figura 9 - Captura de tela E. Fonte: Instagram.

A compreensão de que o viver altamente conectado que experienciamos, é condição e possibilidade para que as tensões, disputas e articulações disparadas pela proposta do Reduto Negro sejam ampliadas em múltiplas e heterógenas criações, guia a mirada analítica aqui proposta para um ponto específico na rede construída. A publicação que, veiculando a reportagem de outro meio é direcionada para um público singular: a comunidade fechada “Patrimônio das Antigas” no Facebook. Focalizar neste “nó” da rede se justifica como tentativa de conhecer as táticas e estratégias que permeiam o processo de territorialização e a interação em ambiência digital empreendida pelos atuais e/ou antigos moradores do bairro Patrimônio. O que se busca é constituir uma espécie de ‘*mapa noturno*’ como posto por Martin-Barbero (1997), que sinalize as complexidades imbricadas no processo de territorialização digital que ocorre simultaneamente a desterritorialização física do bairro; marcado na atualidade pelo processo de gentrificação. É partindo dessa instância de relações que considero ainda que, “todo espaço, físico ou simbólico, apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas, se transforma em território” e que as reflexões sobre este só serão possíveis ao considerar a complexidade das “diferentes formas sociais, como lugar de processos de semantização (territorialização), bem como de movimentação (desterritorialização), a partir de múltiplas relações de poder (Foucault) e/ou desejo (Deleuze)” (Lemos, 2006, p.5).

O que almejo é, como posto por Corrêa (2006), traçar um pensamento atento ao contexto e suas complexidades “tendo como pressuposto a necessidade de haver um pensamento que ligue o que está separado e fragmentado, capaz de, ao mesmo tempo, respeitar o diverso e reconhecer o uno, e que tente discernir as interdependências” é que proponho pensar a comunicação em ambiência digital enquanto face expressiva da realidade do bairro Patrimônio. Pois é esta comunidade, seus sujeitos cambiantes; os que ainda resistem a especulação imobiliária e os que já não mais habitam fisicamente o bairro; mobilizam suas memórias e identidades na constituição do território do grupo “Patrimônio das Antigas” no Facebook. Perspectiva que colabora com os objetivos desta pesquisa, uma vez que os conteúdos de memória que se expressam no território do grupo Patrimônio das Antigas, são expressão dos afetos daqueles que rememoram e rearticulam suas lembranças, ao passo em que também produzem vivências em ambiência digital: compartilhando vídeos, imagens próprias ou que localizam nos fluxos da internet, reagindo a partir das ferramentas da plataforma ou dos comentários textuais que elaboram.

### 3.1 UM OLHAR PARA A COMUNIDADE “PATRIMÔNIO DAS ANTIGAS” NO FACEBOOK.

Atenta ao que os participantes têm promovido em ambiência digital, o que busco é sobretudo, conhecer quais disputas, conexões e tensionamentos permeiam os fluxos que se constituem nessa comunidade. A partir do “nó” tomado como refinamento para mirada analítica sobre o audiovisual em rede e sob a condição de grupo privado foram estabelecidos critérios para identificação dos participantes e suas produções nas capturas de tela. Para tal foram utilizados marcos referenciais próprios da plataforma; a certificação feita pelo Facebook por meio de selos. Marcador localizado junto ao perfil, neste caso, o ícone do balão de fala atribuído aos “narradores visuais”, demarca a reconhecida presença e engajamento dentro da comunidade. O selo de narrador visual é concedido “para quem estimula o engajamento dentro da comunidade. Esse contador de histórias é quem compartilha fotos ou vídeos para todos os outros membros” (Facebook 2019). Vejamos, pois, a publicação feita pelo perfil do Narrador Visual Feminino1 – NVF1:

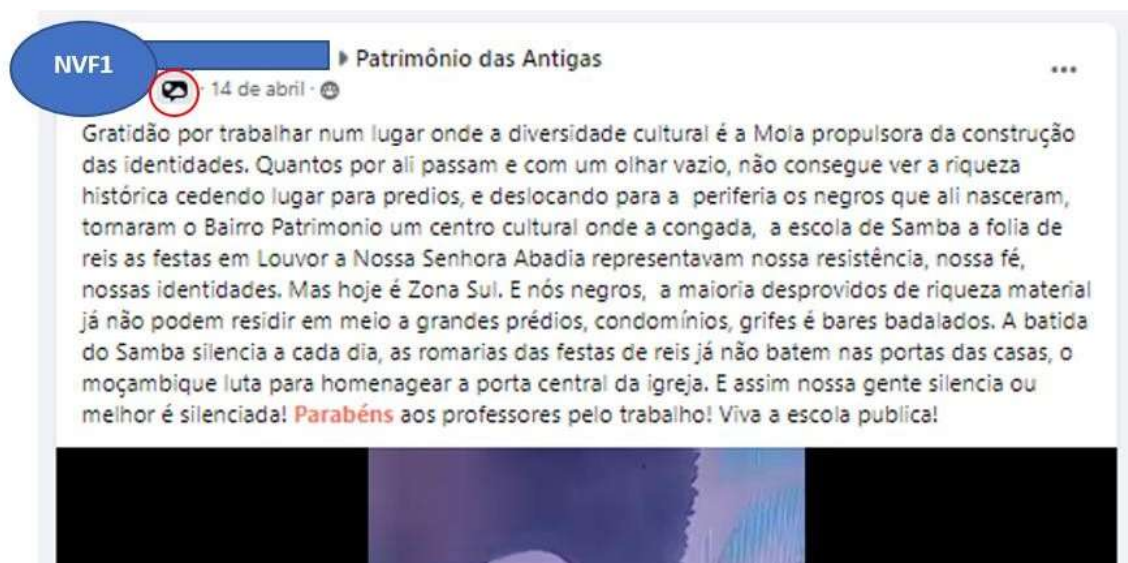


Figura 10 - Captura de tela NVF1. Fonte: Facebook - Patrimônio das Antigas

O texto/legenda elaborado por NVF1, revela a compreensão das identidades enquanto processo atravessado pelas manifestações culturais; para esta narradora “a diversidade cultural é mola propulsora da construção” destas. As disputas no tocante ao espaço do bairro são expostas como cenário no qual se vê a “riqueza histórica cedendo lugar para prédios”. E o recorte racial/social é compreendido como condição de impossibilidade de acesso/permanência junto a “grandes prédios, condomínios, grifes e bares badalados”. NVF1 avança ainda, para

além dos limites do bairro, a sinalizar que “o moçambique luta para homenagear a porta central da igreja” explicitando as dificuldades enfrentadas pelo congo para manter viva a festividade – reconhecida como bem imaterial – até a praça da Igreja do Rosário, hoje na área central da cidade. A este respeito consideremos, como discutido por Brasileiro (2019), a presença sistêmica do racismo na sociedade uberlandense.

O conceito de identidade convocado por NVF1, contudo, não é unívoco. Contribuem para localizar as disputas, ações de outros participantes que convocam identificação a partir da vivência ou não de determinada situação. Neste caso, a publicação em questão foi realizada por perfil masculino que é detentor dos selos: narrador visual, puxador de conversa e membro fundador; identificado aqui como Perfil 2. No registro observado há implícito questionamento sobre a legitimidade daqueles que sinalizam suas identidades a partir do bairro, mas não vivenciaram a situação por ele convocada. Os participantes que reagem com comentários, por sua vez, demonstram valores positivos manifestos por meio de: emoticons de risada; expressões de saudosismo; comentários que buscam contribuir e agregar mais informações a publicação inicial, mencionado outros lugares em que apanhavam frutas; ou fazendo tentativas individuais de se situar junto a publicação com frases como “eu já!”, “demais da conta” e “não saia de lá”, por exemplo.



Figura 11- Captura de tela Perfil 2. Fonte: Facebook -Patrimônio das Antigas

Situação semelhante, é protagonizada pelo perfil feminino do Puxador de Conversa 1 (PCF1) que também convoca identificação a partir do campo do vivido. Como é possível observar:



Figura 12 - Captura de tela PCF1. Fonte: Facebook – Patrimônio das Antigas

A cerca dos conteúdos de memória a postagem da PCF1 remonta o período em que a “pinguela” era ponto de acesso entre o bairro e o centro urbano primeiro. Lugar que, segundo o perfil identificado através do ícone de folhas como membro fundador, era povoado no imaginário local por assombrações. Razão pela qual ele “morria de medo”. O local contava também com um bambuzal que, por ação do vento, era responsável por “estalos arrepiantes”. O que nos leva a considerar a precariedade estrutural deste acesso utilizado pela comunidade, manifestações como a do perfil 2 que, em tom jocoso marca o perfil de sua irmã relatando episódio em que ela sofreu uma queda durante uma travessia. O receio desse tipo de acidente aparece de forma recorrente em comentários feitos por outros participantes, que contam ainda sobre a perda dos sapatos e sandálias. Por sua vez, outro membro sinaliza que o pior era morar próximo a essa área, contexto ampliado por PCF1 que justifica a afirmação considerando a poluição do córrego (proveniente dos dejetos da comunidade e do curtume); e a proximidade com a graxeira. Cabe elucidar que a graxeira, parte da Fábrica de Banha Paris, era o local destinado a limpeza e separação dos miúdos suínos: vísceras e demais órgãos. Que eram vendidos a pequenos valores aos moradores do Patrimônio. A esse respeito consideramos a devolutiva de PCF1 a um comentário nostálgico, em que ela afirma que a comunidade vivia em “pobreza extrema”.

Pensar os fluxos identitários e afetivos que se constituem a partir das dinâmicas vividas na dimensão do grupo no Facebook, implica considerar ainda o volume de publicações compostas por fotografias familiares na *time line* da comunidade. São estas as postagens que alcançam maior engajamento em número de curtidas, e que são em grande escala acompanhadas por legendas que referenciam os sujeitos junto aos descritivos que indicam graus de parentesco e ou familiaridade. Formas de identificação que também são expressas no conteúdo das capturas de tela exploradas neste capítulo, acerca das quais consideramos “uma outra dimensão fundamental do popular que revela sua densidade cultural e social no bairro [...] os processos de reconhecimento como "lugares" de constituição das identidades” (Martín-Barbero, 1997, p.273). Soma-se a trama ainda, em contraponto as disputas, publicações que convocam aideia de identificação e pertencimento, ancorado no vivido, mas sem explicitar marcos de diferença dentro do grupo. A exemplo da postagem criada pelo perfil administrador:



- maravilhoso so quem viveu la sabe 🍷🍷  
Curtir Responder 2 a
- Esplendoroso. Tempo bom não volta mais  
Curtir Responder 2 a
- Onde começou minhas origens.Amo...  
Curtir Responder 2 a
-   
Curtir Responder 2 a
- confesso que tive momentos bons mais tive muito sofrimento  
Curtir Responder 2 a
- Foi muito bom até que os burguês invadiram o bairro  
Curtir Responder 2 a
- E tirou toda liberdade e cultura do Bairro Patrimônio  
Curtir Responder 2 a
- Mourinho patrimônio a minha infância Agora chegou o rico, queria tomar conta do Bairro. Que saudade daquela época de criança. A gente não pode deixar a cultura do bairro acabar esse povo rico, tem que pôr ele no lugar deles quem quem manda é nós antigo que mora no bairro. Saudade daquela época  
Curtir Responder 2 a
- Eu e meu marido praticamente nascemos aqui no bairro e moramos aqui até hoje , e eu acho que melhorou muito o bairro em todos os sentidos , conheço muitos dos novos moradores são gente muito humildes e pessoas muito boas , basta conhece -los ❤️❤️  
Curtir Responder 2 a
- Ter vivido minha infância no patrimônio foi muito marcante, sinto saudades, mesmo o bairro ter se modificado bastante, ainda existe o amor te todos nós uns para com os outros e isso nunca pode acabar ❤️❤️  
Curtir Responder 2 a

Figura 13 - Captura de tela Perfil 1. Fonte: Facebook - Patrimônio das Antigas



As manifestações desencadeadas pela pergunta feita pelo perfil 1, inicialmente recebeu uma expressiva sequência de comentários positivos: respostas com emojis; expressões de saudosismos; elogios a situações e/ou pessoas. O recorte aqui apresentado traz o rompimento nessa cadência de respostas positivas; disparado pela PCF1 (sinalizada com ícone de xícara) que afirma ter vivido bons momentos no bairro, mas também muito sofrimento. Não está claro ao que PCF1 está se referindo como sofrimento, mas sua participação na postagem foi seguida por outras duas integrantes que demonstram clara insatisfação com as novas dinâmicas vivenciadas no bairro. A disputa por este espaço da cidade, sua valoração enquanto periferia ou área nobre em expansão é evidenciada nos termos: “foi bom até que os burguês invadiram o bairro e tirou toda a liberdade e cultura do bairro Patrimônio” A tônica de crítica contudo, não é unânime. Em devolutiva uma terceira participante, ainda residente no bairro, considera que houve melhorias em todos os sentidos, propondo ainda a possibilidade de uma relação harmoniosa para com os novos moradores do bairro, bastando para tanto uma oportunidade de os conhecer. Diante da clara disputa de narrativas, outro participante pondera que, mesmo reconhecendo as mudanças, o que deve ser priorizado são as relações afetivas entre eles.

Cabe evidenciar ainda o fato que, entre abas e janelas que se multiplicam e sempre se desdobram em mais, no ambiente do grupo é possível localizar perfis que criam estratégias de comunicação partir de imagens que alcançam em meio aos seus trânsitos na rede; acompanhado de textos/legendas que buscam estabelecer paralelos temporais e de identificação. Colaboram para essa leitura as postagens elaboradas pelo perfil feminino narrador visual 2 (NVF2):



Figura 14 - Captura de tela NVF2. Fonte: Facebook - Patrimônio das Antigas.

Ao promover o compartilhamento de imagens com potencial de identificação, ao considerar-se vivente de uma época e tendo como enfoque dinâmicas do cotidiano; NVF2 se inscreve junto ao grupo na tentativa de estabelecer critérios de afinidade e semelhança. Somando-se ao jogo contínuo em que disputam posições identitárias. Operando assim, um sistema classificatório em que, a produção de conteúdo a partir dos trânsitos entre plataformas constitui tática para a construção de sentidos de pertencimento. Em reação a publicação, um perfil feminino demarca presença mobilizando memórias que ao passo que a situam junto a postagem também a vinculam ao território do bairro; revelando que no Patrimônio os veículos de duas pessoas atendiam a comunidade nas mais diversas situações: casamentos, cortejos fúnebres e os jogos do Guarany. NVF2 utiliza-se da mesma tática nesta outra publicação que segue na captura de tela:



Figura 15 - Captura de tela NVF2 - B. Fonte: Facebook - Patrimônio das Antigas

Os comentários disparados, revelam a interação de três perfis distintos: os dois primeiros femininos, e o outro masculino. É possível observar que a imagem que compõe a postagem deflagra comentários que expressam memórias vinculadas as atividades cotidianas desempenhadas pelas mulheres; indicando ainda um movimento coletivo, organizado em um dia específico da semana (a sexta-feira), para coleta da madeira que alimentaria os fogões a lenha. Uma das participantes, ressalta as dificuldades enfrentadas para realizar a tarefa: a

travessia nos locais destinados ao gado e a possibilidade de encontrar serpentes. Já o perfil masculino, contribui afirmando que acompanhou muitas vezes a “turma de mulheres”, e que por meio dos diálogos que aconteciam durante o percurso ele tinha acesso ao conteúdo das novelas; assunto partilhado entre elas. Nesse contexto chama atenção, a menção a ‘A cabana do Pai Tomás’, exibida pela rede Globo em 1969. Trama que foi posteriormente alvo de variadas críticas e análises sobre o racismo na teledramaturgia, em decorrência da utilização de *blackface* para “caracterização” do um ator escalado para representar o escravo Tomás. O diálogo entre os participantes, reforça também aspecto já reconhecido em outros momentos nesta pesquisa, somando-se as evidências de que os graus de parentesco/vizinhança são relevantes para situar os sujeitos dentro da comunidade. De modo que, os nomes convocados nas memórias são constantemente acompanhados dos descritivos: a mãe do ..., a avó de ..., ou mesmo a esposa de fulano.

As memórias que interessadamente são articuladas nos fluxos identitários, afetivos e temporais aqui sinalizados, são também alvo de uma curiosidade epistemológica. É possível conhecer, a partir do território do grupo formas pelas quais os antigos moradores significam suas memórias? Ciente de que a medida em que o viver nos impele a ora lembrar, ora esquecer, a memória é marcadamente um campo de disputas. O que surge como surpresa neste caso, é a manifestação dos conflitos acerca da memória serem potencialmente localizadas a partir da interação dos membros da comunidade “Patrimônio das Antigas” com pesquisa por meio do termo de consentimento livre e esclarecido; que após a aprovação inicial do administrador da comunidade foi direcionada aos demais participantes. O primeiro comentário em reação a esta publicação foi feito pelo Perfil 1, com mensagem de apoio. Na sequência, outros usuários acompanharam o movimento deixando comentários positivos, emojis, se prontificando a colaborar, ou mesmo apresentando lista de assuntos/temas. Como é possível observar:

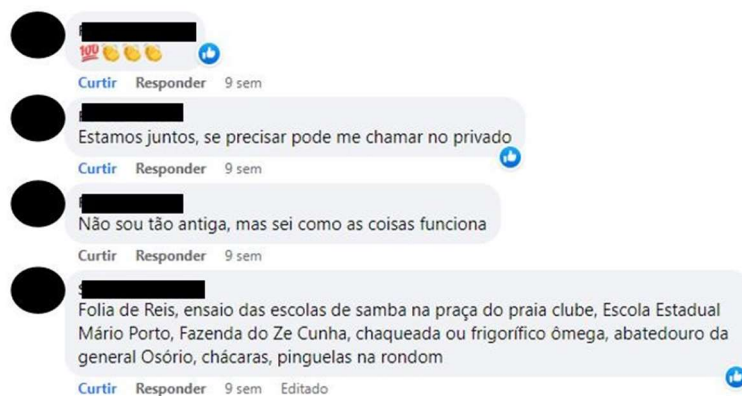
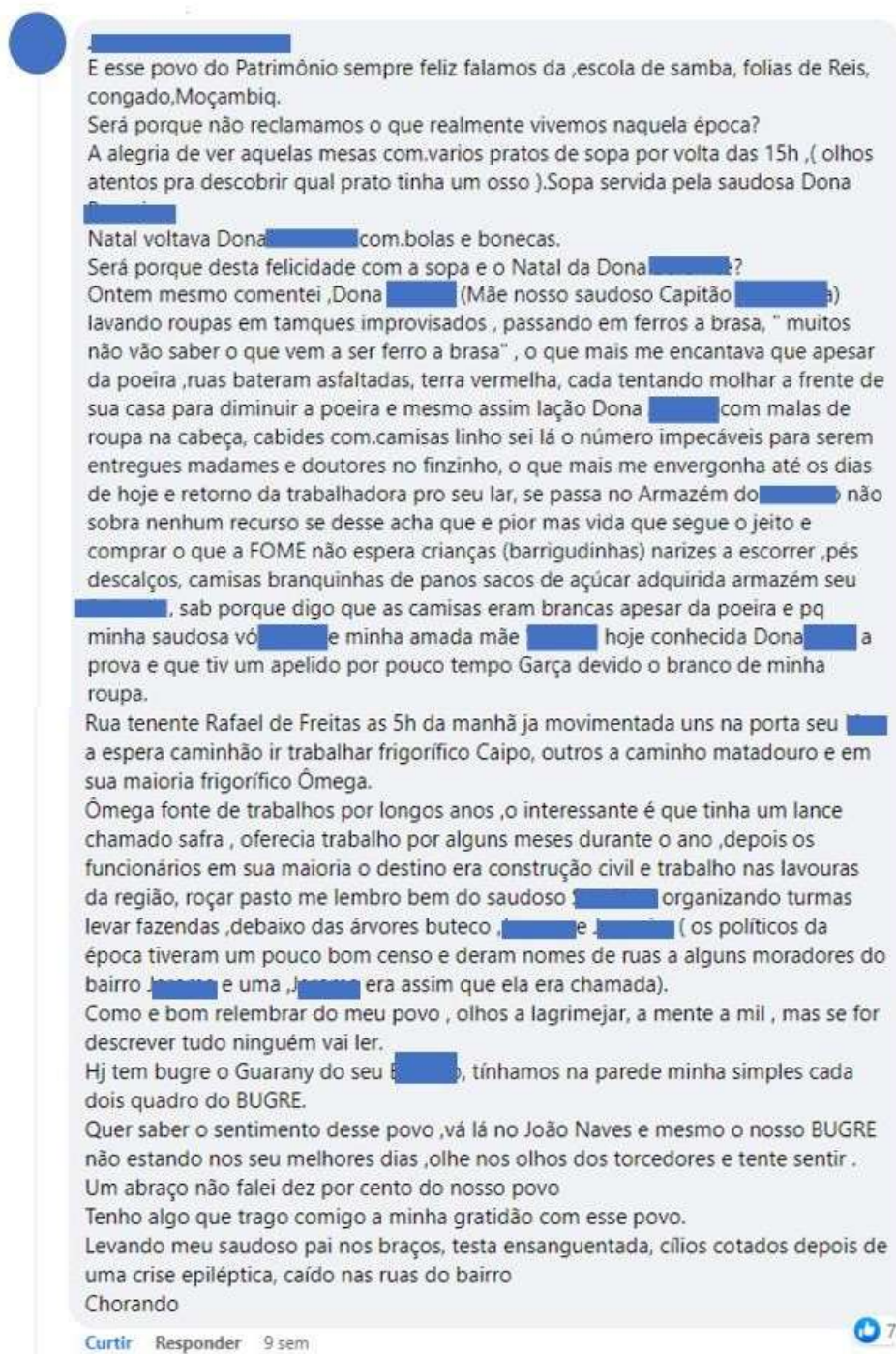


Figura 16 - Captura de tela TCLE. Fonte: Facebook - Patrimônio das Antigas

Não houve manifestações contrárias a realização da pesquisa, contudo houve uma ruptura na cadência das respostas a partir da ação de um dos participantes que já havia comentado com uma sequência de emojis de 'like'. Ao acompanhar a conversação ele indaga as razões pelas quais os membros buscam construir uma narrativa afetiva nostálgica que não revela as dificuldades vivenciadas no cotidiano do bairro. A esse respeito sujeito dispara:



E esse povo do Patrimônio sempre feliz falamos da ,escola de samba, folias de Reis, congado,Moçambiq.  
 Será porque não reclamamos o que realmente vivemos naquela época?  
 A alegria de ver aquelas mesas com varios pratos de sopa por volta das 15h ,( olhos atentos pra descobrir qual prato tinha um osso ).Sopa servida pela saudosa Dona [redacted]  
 Natal voltava Dona [redacted] com.bolas e bonecas.  
 Será porque desta felicidade com a sopa e o Natal da Dona [redacted]?  
 Ontem mesmo comentei ,Dona [redacted] (Mãe nosso saudoso Capitão [redacted]) lavando roupas em tamques improvisados , passando em ferros a brasa, " muitos não vão saber o que vem a ser ferro a brasa" , o que mais me encantava que apesar da poeira ,ruas bateram asfaltadas, terra vermelha, cada tentando molhar a frente de sua casa para diminuir a poeira e mesmo assim lação Dona [redacted] com malas de roupa na cabeça, cabides com.camisas linho sei lá o número impecáveis para serem entregues madames e doutores no finzinho, o que mais me envergonha até os dias de hoje e retorno da trabalhadora pro seu lar, se passa no Armazém do [redacted] não sobra nenhum recurso se desse acha que e pior mas vida que segue o jeito e comprar o que a FOME não espera crianças (barrigudinhas) narizes a escorrer ,pés descalços, camisas branquinhas de panos sacos de açúcar adquirida armazém seu [redacted], sab porque digo que as camisas eram brancas apesar da poeira e pq minha saudosa vó [redacted] e minha amada mãe [redacted] hoje conhecida Dona [redacted] a prova e que tiv um apelido por pouco tempo Garça devido o branco de minha roupa.  
 Rua tenente Rafael de Freitas as 5h da manhã ja movimentada uns na porta seu [redacted] a espera caminhão ir trabalhar frigorífico Caipo, outros a caminho matadouro e em sua maioria frigorífico Ômega.  
 Ômega fonte de trabalhos por longos anos ,o interessante é que tinha um lance chamado safra , oferecia trabalho por alguns meses durante o ano ,depois os funcionários em sua maioria o destino era construção civil e trabalho nas lavouras da região, roçar pasto me lembro bem do saudoso [redacted] organizando turmas levar fazendas ,debaixo das árvores buteco , [redacted] e [redacted] ( os politicos da época tiveram um pouco bom censo e deram nomes de ruas a alguns moradores do bairro [redacted] e uma , [redacted] era assim que ela era chamada).  
 Como e bom lembrar do meu povo , olhos a lagrimejar, a mente a mil , mas se for descrever tudo ninguém vai ler.  
 Hj tem bugre o Guarany do seu [redacted], tínhamos na parede minha simples cada dois quadro do BUGRE.  
 Quer saber o sentimento desse povo ,vá lá no João Naves e mesmo o nosso BUGRE não estando nos seu melhores dias ,olhe nos olhos dos torcedores e tente sentir .  
 Um abraço não falei dez por cento do nosso povo  
 Tenho algo que trago comigo a minha gratidão com esse povo.  
 Levando meu saudoso pai nos braços, testa ensanguentada, cílios cotados depois de uma crise epiléptica, caído nas ruas do bairro  
 Chorando


Curtir Responder 9 sem  7

Figura 17- Captura de tela Comentário TCLE. Fonte: Facebook – Patrimônio das Antigas

O texto tecido é revelador ao sinalizar as dinâmicas das formas de trabalho que outrora eram vivenciadas na comunidade: o trabalho sazonal no matadouro e no frigorífico Ômega; o trabalho rural nas grandes propriedades; e a prestação de serviços domésticos – lavar e passar com ferros a brasa para as “madames e doutores” do que hoje é o bairro Fundinho. A má remuneração dos serviços pode ser inferida a partir do indicativo de insuficiência dos recursos para aquisição de produtos no armazém como dilema experienciado pela mulher que voltava do trabalho, a palavra fome grafada em letras maiúsculas, e a narração das situações em que o alimento, no caso a sopa, era ofertada por terceiros. A memória convocada narra ainda a condição das crianças, descalças e vestindo camisas feitas dos sacos de açúcar. A estética das peças, embora de material pouco acabado, é destacada pelo participante que afirma ter tido o apelido de Garça por conta da alvura de suas camisas. Ressaltando assim o trabalho e cuidado desempenhado por sua avó e mãe. A relação com o time Guarany é apresentada como expressão afetiva da comunidade; convocando ainda, para aquele que deseja conhecer “esse povo”, o contato com os torcedores e as ações de “olhar no olho e tentar sentir”. Conduzindo assim nossa atenção para o corpo enquanto locus das mediações afetivas (Grossberg apud Gutmann, 2021), e os afetos como modos pelos quais os sujeitos interpretam e significam o mundo. De modo que:

Se significado corresponde à produção de sentido, o afeto é energia, enlace, força de engajamentos (engajamentos que são sempre identitários) que move e configura nossas experiências. Por isso, a ideia de afeto como vetor (energia) de organizações variadas da experiência, do jogo de relações que passa pelo corpo e articula discursos, tecnologias, cenários, comunidades, instituições (todas elas mediações) (GUTMANN, 2021 p.45,46).

Em resposta ao conteúdo produzido pelo participante, outros sete membros reagiram com curtidas e registraram em suas respostas que se sentiram emocionados ao ler o relato, um deles afirma ainda que não seria possível para a nova geração compreender o texto que remete a uma “infância com tantos momentos de dificuldade feliz”. Consideremos aqui, a combinação dos termos dificuldade e feliz, como expressão das contradições imbricadas nos afetos mobilizados pelos interagentes e o desejo com os qual revisitam e articulam suas memórias no presente.

### 3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS FLUXOS NA COMUNICAÇÃO DO GRUPO

Colabora com a compreensão do objeto, olhar o grupo, inicialmente, a partir da proposta da plataforma. Segundo Facebook (2019) a possibilidade de grupos foi criada com objetivo empresarial, buscando aproximar marcas de seus consumidores. Os selos por sua vez, surgiram como alternativa para sinalizar a expressividade da interação dos participantes. O que observamos, entretanto, é a apropriação da ferramenta, que ganha usos com objetivo diverso do inicialmente proposto. O grupo “Patrimônio das Antigas” não surgiu para fins de comércio, e sim pela busca de constituição/manutenção de partilhas a partir das vivências do cotidiano do bairro Patrimônio. Fato evidenciado na descrição: “Grupo criado com o intuito de reencontrar os moradores antigos, bem como os atuais do bairro, compartilhar fotos, histórias e informações”. O que se vê é a elaboração de uma tática de manutenção e promoção da comunicação e sociabilidade vivenciada no território do bairro, em um *feed* que majoritariamente assume as formas de um álbum de família.

As publicações que evidenciam disputas identitárias a partir de marcos de diferença / vivência ou não de determinada situação permitem pensar tais iniciativas como forma de busca contínua por um ‘mito’ fundador, capaz de assegurar e validar posições identitárias e sentidos de pertencimento ao território do bairro. Outorgando legitimidade, e vínculo a uma ‘tradição’ a partir do campo do experienciado e as memórias por ele articuladas. São estabelecidos assim, partindo de um mesmo princípio, diferentes sistemas classificatórios. Sistemas que se refinam a medida em que não mais se limitam a um “nós” que moramos ou morávamos no bairro e os “outros”; mas estabelecem segmentações dentro do que em outras situações é reivindicado como coletivo nas formas de um “a gente”.

O grupo a partir do fragmento inicial de análise e outros posteriormente localizados dá indícios dos percursos que os sujeitos constroem em seus trânsitos em meio a plataformas distintas. Marcas de um viver experienciado em múltiplas ambiências e conformado em rede. A análise realizada dá evidências de que os Narradores Visuais do grupo têm construído produções singulares ao considerar o recorte de gênero; nos perfis masculinos os conteúdos convocam memórias e identificação majoritariamente partir das manifestações culturais locais: o time Guarany (Bugre); a Escola de Samba Tabajaras; e a Folia de Reis Pena Branca. Já nos perfis femininos o pertencimento é convocado a partir da vivência e/ou referência a situações do cotidiano.

As disputas em relação as transformações do bairro são evidenciadas em várias ocasiões, havendo críticas contundentes sobre o processo de gentrificação e a falta de condições para preservação das manifestações culturais inauguradas no bairro. De modo que as histórias de vida, e as memórias pela articuladas se mostram como ferramenta importante para compreender a cidade; não pela lógica do hegemônico, mas pela ótica dos sujeitos que a vivenciam. Os afetos que permeiam as produções em ambiência digital sinalizam por vezes contradições; que são lidas aqui como pistas dos movimentos da memória. Afinal, “a memória supõe um espaço elástico no qual se move interessadamente” (SEIXAS, 2002 p.46). Assim os tons que são dados aos conteúdos e as formas empregadas para situar as lembranças no presente não são uniformes. A medida em que concorrem o que se deseja lembrar ou esquecer, há clara disputa de narrativas no grupo. E são as elaborações feitas a partir de todo o percurso trilhado durante o desenvolvimento desta pesquisa que conduzem a proposição da criação de um produto audiovisual.

#### 4 PROPOSTA DE PRODUTO

Dentre as vários tipos de produtos possíveis, propor um documentário se justifica na possibilidade de por meio do áudio visual ter evidência da complexidade dos sujeitos por meio de elementos próprios da oralidade e que compõem junto com o registro escrito e o imagético. Na rica possibilidade de se colocar no lugar daquele que ouve e vislumbra: encontrar tempo para pausa, para as palavras que se entrecruzam, para o semblante que ri para si mesmo ao passo em que conta a outros. Para a singularidade da costura, do talho que se cria para contar uma história. Há lugar para a prosódia, e a arte de narrar o vivido. O uso criativo das coisas se produz a cada segundo de gravação, a medida em que aquele que se dispôs a ser gravado constrói formas de narrar a si, aos outros e as vivências partilhadas. A medida em que alinhava e articula formas de se inscrever junto ao filme e dele fazer parte. Ao tomar o conceito de *usos* de Certeau como lente, o filme busca uma visão perspicaz e poética da gama de processos elaborada pelos sujeitos na construção do viver. Aqueles que, parafraseando Manoel de Barros, não podem ser assemelhados aos trens de ferro pois não são limitados pelos trilhos. São antes como água que flui entre pedras percorrendo caminhos improváveis, afinal como diz o poeta “liberdade caça jeito”.

Razões pelas quais a forma do documentário poético, como concebe Nichols (2005, 1991) é a voz que contempla o produto proposto. Especialmente, ao considerar os aspectos inerentes a esse tipo de produção: expressão subjetiva e artística do cineasta; a ênfase na experiência emocional; o uso criativo da linguagem cinematográfica; a narrativa não linear; a liberdade artística dos estilos e abordagens. Neste sentido, o documentário é forma pela qual busco explorar a poética do cotidiano a partir dos sentidos que construí ao longo desta pesquisa ao aproximar: a afetuosa de lembrança de Douglas Marcelino contando sobre como era “sagrado” para sua tia Cidinha varrer e cuidar do quintal que hoje resiste como Terrerão do Samba; a vivência junto de vários moradores do Patrimônio na inaugural Lavagem do Largo do Rosário que aconteceu em 02 de julho de 2023; e a vivência brincante que celebra a beleza do varrer no dançar junto ao grupo Balaio de Chita.

“*Artes de viver: uma ode as vassouras*”, é um documentário de média-metragem que propõe enveredar na complexas dinâmicas do fazer cotidiano; explorando como os sujeitos (re)interpretam, (re)inventam e (re)significam seus trânsitos entre o familiar e público da cidade tomando como mote um elemento ordinário, a vassoura – utensílio indispensável aos fazeres de varredura. Não nos interessa aqui as variadas cores ou formatos, nem mesmo a textura das



peças feitas de palha ou o renovado formato produzido a partir da reciclagem do plástico PET. A criação do filme proposto não se interessa pela materialidade das vassouras mas pelas formas como por meio dela é possível articular um intrincado tecido que traga a poesia da ação de varrer: ora em quadros de lembranças particulares; ora em significados que ritualizados reinvidicam o espaço público. O que ocorre agregando mudanças em ritmo constante de transformação.

As vassouras de que tratamos serão convocadas, em movimento não linear a partir do entrelaçamento de três blocos distintos: 1) a expressão do cuidado cotidiano e as memórias articuladas pelo fazer da varredura; 2) as vassouras que enquanto manifestação do sagrado afrodiaspórico reinvidicam o direito a cidade na Lavagem do Largo do Rosário; 3) a (re)invenção brincante dos corpos que dançam as vassouras nas práticas coreográficas do grupo de pesquisa e releitura da cultura popular Balaio de Chita. O bloco 1 (um) tem como estratégia de abordagem realizar gravações no ‘amanhecer’ do bairro Patrimônio para captar o momento que alguns dos antigos moradores dedicam para varrer e cuidar da porta de suas casas em contraste a movimentação dos moradores dos prédios, demarcando assim os diferentes tempos que coexistem. Somam-se imagens com foco em evidenciar o contraste arquitetônico do bairro que se ergue e das casas afetuosamente zeladas.

Para o bloco 2 (dois) adotaremos clipes com colagem de imagens veiculadas em diferentes plataformas e mídias, além de incluir a captação própria, feita quando houve a Lavagem do Largo do Rosário. Se somarão a este bloco imagens da praça do Rosário em outros dias que não os dedicados às celebrações, ilustrando a dinâmica do trânsito e dos transeutes em suas formas de interação com a igreja situada na área central da cidade de Uberlândia. Construindo oposição ao frenético movimento do urbano haverá imagens de momentos em que a praça está vazia. Assim como do interior da Igreja Nossa Senhora do Rosário, bem tombado por abrigar a festividade da congada e por ser o prédio religioso mais antigo do município. Como elemento articulador deste bloco, entrevistaremos o pesquisador e General Congo Jeremias Brasileiro. Buscando conhecer tensionamentos, disputas, e articulações que viabilizaram a realização do rito de Lavagem do Largo do Rosário.

Protagonizam o bloco 3 (três) os brincantes do grupo Balaio de Chita. Faremos a gravação de um ensaio do grupo com foco nas dinâmicas de interação entre os participantes nesse momento do dançar junto e entrevista coletiva com as mestras: Fernanda Abreu, Ana Paula e Luzeni Cruz. Entrevista que será norteadada pela indagação: que sentidos elas constroem ao vivenciar e (re)elaborar formas de convocar para o corpo, por meio da dança, o fazer cotidiano das vassouras e de outros ordinários itens do cotidiano? Na composição do

documentário esses depoimentos serão articulados as imagens do ensaio e outros subterfúgios para engendrar sentidos poéticos. Faremos a captação da apresentação coreográfica da música Vassoura, de autoria do mestre popular Henrique de Menezes, e que compõe o repertório do grupo. A coreografia, circular, é releitura do ritmo tradicional maranhense, o cacuriá; brinquedo acompanhado pela sonoridade das caixas do Divino e que dá vida a letra:

*Minha vassoura eu não sei onde está  
Eu deixei no terreiro te mandei buscar  
Minha vassoura eu não sei onde está  
Eu deixei no terreiro te mandei buscar*

*Pega a vassoura ô sinhá  
E varre o terreiro pro cacuriá  
Pega a vassoura ô sinhá  
E varre o terreiro pro cacuriá*

A linguagem poética que se busca construir tem como inspiração os documentários *Memória que me contam* (2012) de Lúcia Murat e *Elena* (2012) de Petra Costa. Longe de serem modelos fechados, ambos os filmes são aqui compreendidos com horizonte de possibilidades. Especialmente a partir de alguns de seus elementos que, tomados como referência, permitem vislumbrar a atmosfera poética que busco compor em *Artes de viver: uma ode as vassouras*. No quadro a seguir, os filmes são identificados pelos números 1 e 2 respectivamente, para delinear os aspectos considerados:

**Narrativa:** 1- proporciona uma perspectiva pessoal sobre o período da ditadura no Brasil entrelaçando narrativas pessoais com a narrativa coletiva do país; 2- narrativa altamente pessoal e subjetiva, criando uma atmosfera íntima e permitindo o público entrar em sua jornada emocional.

Proposta: a narrativa pessoal e subjetiva da pesquisadora ciranda com narrativas pessoais de diferentes sujeitos, buscando explorar elementos de memória do bairro Patrimônio. Havendo ainda a possibilidade de que se entrelace com a narrativa coletiva da cidade ao pensar a ação dos sujeitos e as posições identitárias que assumem. Descomprometida do registro factual, almeja-se construir uma narrativa que partilhe o engajamento afetivo dos sujeitos.

**Arquivos de família:** 2- o filme incorpora imagens do acervo familiar, cenas caseiras e fotografias; elementos visuais que ajudam a contar a história de Elena de maneira profundamente emocional.

Proposta: Esse recurso poderá ser explorado para composição de imagens poéticas e evocativas.

**Sons:** Em ambos os filmes os sons tem papel importante na constituição da linguagem poética; acentuam e evocam emoções.

Proposta: Explorar a sonoridade da ação da varredura: o atrito da vassoura no chão, o estalar das folhas secas. A sonoridade do ambiente em que está vassoura se insere, o ruído do trânsito e das pessoas, o som dos pássaros ...; Instigar a percepção da sonoridade do Terrerão do Samba, não pelo viés da festividade mas mirando a experiência do cotidiano neste terreiro centenário. Convocando um mergulho temporal nos quintais que já não fazem parte do cotidiano da cidade; Explorar os sons dos pontos cantados coletivamente no rito de Lavagem do Largo do Rosário e das músicas do grupo Balaio de Chita.

**Imagens e metáforas visuais:** 1- são usados para poeticamente representar conceitos abstratos como o desejo de liberdade e a busca por justiça. 2- Imagens de água, espelhos e outros são usados para simbolizar a jornada emocional de Elena e sua família.

Proposta: a pesquisadora evidencia sua presença a partir da inserção de seus pés descalços em alusão aos “pé vermei”; o desejo de quem busca *cirandar sentidos* é demarcado pelas cores vibrantes da saia de chita, tecido comum as vestimentas dos brincantes de variados ritmos da cultura brasileira; explorar texturas de utensílios cotidianos; as mãos e a sua movimentação ao contar a história vivida para pensar o trabalho, que aqui é compreendido não como mera ação de varrer mas como condição do viver; poderão ser exploradas as condições em que se encontram os murais do Reduto Negro: o desgaste decorrente das intempéries do clima como forma de demarcar passagens de tempo; os murais “pé vermei” (parcialmente demolido) e homenagem ao Capitão Nelsinho (que sofreu grande avaria por conta da instalação de uma porta que dá acesso a um torre de comunicação recém instalada) como forma de reflexão sobre as formas pelas quais se dão os apagamentos. Para pensar memória e esquecimento.

**Estética e arte:** 1- o filme incorpora elementos estéticos e artísticos, poesia e performance, para transmitir a experiência subjetiva da memória.

Proposta: poderão ser explorados poemas, sambas enredos da Tabajaras, repentes e emboladas; varrer cênico produzido pelo Balaio de Chita como conector de fruição criativa em que se convoca para o corpo: dançar o já dançado, cantar o já cantado, em espaços que já foram vividos.

#### 4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento de escrita desta pesquisa não se faz a partir do domínio pleno de habilidades redativas, é antes forma de trazer para estas páginas a oralidade. O que pode causar para alguns certo estranhamento. Importa ainda sinalizar que a busca por conceituar o fazer desta pesquisa como *cirandar sentidos* é tentativa de nomear a ação que convoca corpo e pensamento enquanto totalidade humana. É negar formas e processos que, em prol de uma dita intelectualidade, ilusoriamente consideram viáveis e necessário a total isenção do pesquisador, ao passo em que o destituem do que há de mais humano – a consciência de si. Pensemos portanto que, para dançar ciranda, é preciso estar de mãos dadas e formar uma roda. O que só é possível por meio da aproximação de sujeitos vários. Cirandar é encontrar caminho para dançar junto e conectar-se ao diverso de si mesmo em ritmo compassado. Sem que isso negue a diferença vital do ser, sem negar quem se é. É mais sobre compreender-se e analisar-se junto ao que é múltiplo. Cirandar sentidos é, portanto, convocar por meio da visualidade inerente ao movimento coreográfico da ciranda, um pensamento que também se inscreve na circularidade. Pensamento que almeja aproximar-se da sabedoria que reside na fala do mestre Nego Bispo, de uma visão de mundo que compreende o viver e todas ações inerentes a ele (inclusive o pesquisar) como “começo, meio, começo”.

Neste sentido, a escolha da vassoura, esse item ordinário do cotidiano, como fio condutor para o documentário é forma que encontro para denunciar a invisibilidade feminina localizada na análise do feitiço do roteiro de pintura do Reduto Negro. Para a construção poética do filme será justamente a invisibilidade das ações das mulheres que irá alinhavar os distintos blocos, a partir da gravação de imagens em que a pesquisadora se insere no filme encenando coreograficamente o repertório vivenciado junto ao grupo Balaio de Chita. Nesse

sentido o teaser produzido surge como potente forma de registro da ideação do documentário. O teaser é ainda evidência do uso criativo das coisas que é feito pelos sujeitos. Ao trazer um recorte da entrevista feita com Jeremias Brasileiro em que é possível conhecer as formas pelas quais ele se inscreve junto ao filme ao assumindo a vassoura como fio condutor da narrativa que constrói. Jeremias cria uma linha temporal partindo do período da escravização para afirmar que “a nossa vida sempre foi uma varreção”. Formas pela qual demarca uma história de ancestralidade com a palha, “uma palha que vem da origem do mundo” que permeia o trabalho de ontem e de hoje e que ganha significados nas rezas e benzimentos. E na sua fala a vassoura feita palha, ciranda com passado e o presente.

O teaser que tem duração de 1:46’ minutos entretanto, não dá vistas as contradições, oposições ou mesmo a disputa pela visualidade e espaços da cidade. Aspectos que embora não estejam presentes no recorte feito não serão suprimidos do documentário. Não há aqui intenção de produzir um filme que tenha viés nostálgico. As imagens de abertura do teaser, mostram o quintal vivenciado pela família que reside no Terrerão do Samba, desde 1924, cotidiano que em nada se assemelha aos momentos em que o espaço abriga as festividades da comunidade. Imagens que no documentário serão apresentadas em dialogo a imagens do entorno do terreno. Esse grande quintal ainda ‘cabe’ na cidade que se ergue? Destituído da intenção de apresentar respostas fechadas e definitivas a proposta de construção de documentário pético, alicerçado por esta pesquisa, se constitui enquanto pensamento/ação em busca de provocar reflexões sobre vivências individuais e coletivas, memórias e afetos que interconectam a tessitura do viver. Ao focar nas belezas do cotidiano, ao entrelaçar as memórias dos sujeitos com a paisagem urbana, o documentário trilha caminhos que se constituem por meio de uma complexa rede de relações e que almeja pensar a cidade como palco das emoções compartilhadas. Ao enveredar nas memórias do bairro Patrimônio, o produto aqui proposto, se constitui como convite para explorar sutilezas e camadas de sentidos que cirandam com a emoção e as lembranças.

## REFERÊNCIAS

- BRASILEIRO, Jeremias. **O congado (a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia-MG: resistência negra, identidades, memórias, vivências.** 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. A complexidade do conceito de interação mediada por computador: para além da máquina. In: **UNIrevista**, Vol. 1, nº 3. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2006. Disponível em [http://www.flacsoandes.edu.ec/comunicacion/aaa/imagenes/publicaciones/pub\\_95.pdf](http://www.flacsoandes.edu.ec/comunicacion/aaa/imagenes/publicaciones/pub_95.pdf)
- DE SOUSA, G. A memória subterrânea na narrativa do espaço urbano: contribuição teórica para a folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 48–63, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18874> Acesso em: 1 dez. 2022.
- DE SOUSA, G. A. Memória e Velhice: entre a imaginação na arte de contar histórias e a emoção ao narrar a história vivida / Gerson de Sousa. – São Paulo : G. Sousa, 2008.
- FACEBOOK. **Conheça os selos para grupos do Facebook e se aproxime dos seus clientes.** 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/selos-para-grupos-do-facebook> . Acesso em: 18 jun. 2022.
- GUTMANN, Juliana Freire. **Audiovisual em rede: derivas conceituais /.** - Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. - (Ensaios; v. 1). Disponível em: <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/publicacao/audiovisual-em-rede/> Acesso em: 14 mar. 2022
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes 2014, p. 103-133.
- LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **Bairro Patrimônio: salgadores e moçambiqueiros.** Monografia, Secretária Municipal de Cultura, Uberlândia, 1986.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia.** Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MARX, Karl; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martin Claret, 2008.p. 41-64
- NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire – I: La République.** Paris: Gallimard,1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41324813?read-now=1&seq=11> acesso em 06 abr. 2022

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 200-215. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> acesso em 07 abr. 2022

RAGO, L.M. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade [online]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. Disponível em: [https://visionvox.net/biblioteca/l/Luzia\\_Margareth\\_Rago\\_A\\_Aventura\\_De\\_Contar-Se.pdf](https://visionvox.net/biblioteca/l/Luzia_Margareth_Rago_A_Aventura_De_Contar-Se.pdf) acesso em 07 abr. 2022

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo / Suely Rolnik. - Porto Alegre: Sulina; Editorada UFRGS, 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SEIXAS, Jacy. Os tempos da memória: continuidade e duração (des). Uma reflexão(in)atual para a história? **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 24, pág. 43-64, jun., 2002 Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10612/7893> Acesso em: 03 jun. 2022

WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. In: WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**/Bill Nichols, tradução Monica Saddy Martins-Campinas, SP: Papirus, 2005.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual” In: In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7- 72.

## **ANEXOS**



## ENTREVISTAS

### PROJETO REDUTO NEGRO – TERRERÃO DO SAMBA – UBERLÂNDIA

Transcrição dos registros filmicos produzidos durante a ação intitulada Café com Prosa, momento em que a comunidade foi convidada a, coletivamente, montar um roteiro norteador para as pinturas selecionando elementos, memórias e ou personalidades como representativas do bairro Patrimônio. Participaram desta ação que ocorreu em 10 de agosto de 2021: Douglas Marcelino, responsável por empreender o Terrerão do Samba; o casal Eunice Cruz e Enercino João da Cruz, mestres da Folia de Reis Pena Branca; os antigos moradores, Priscila Freitas da Costa Xavier, Mary Ivone e Sandra Izilda.

#### Clipe 01 a 28

Captação de imagens do espaço do Terrerão do Samba; materiais para pintura graffiti, momentos iniciais de chegada dos participantes.

#### Clipe 29 e 30

**Débora:** Primeiro agradecer, né, a cada um de vocês por tirar um pouquinho do seu tempo para estar aqui. A gente sabe que o dia a dia é muito corrido, todo mundo tem compromisso, tem os afazeres de casa, tem as outras coisas. A gente tá com o coração imenso de gratidão por vocês estarem aqui participando desse projeto com a gente, porque é isso que vai dar sentido e significado pro Reduto Negro. É a proposta de vocês, a fala de vocês. Se não fosse pela história de todos vocês, o que vocês vêm trazendo de memória... de criancinha, da Folia de Reis, das escolas de samba, nós não estaríamos aqui pra fazer esse projeto hoje. Então muito obrigada! O meu nome é Débora, sou professora na rede pública, dou aula pra criança pequena, sou professora alfabetizadora e estou empreendendo projetos culturais agora. E a nossa vontade é resgatar essa memória do povo negro aqui no Patrimônio. A minha família é daqui do bairro, meu pai foi nascido e criado aqui, meus avós moraram aqui na Francisco Galassi durante muito tempo, e nós nos mudamos, a família se dispersou, depois da morte dos meus avós. E agora que os meus avós já não estão mais aqui, o que existe é um desejo de preservar uma partezinha dessa história, quando a gente conta essa história que é também de todo mundo, né, aqui do Patrimônio. Então eu queria convidar vocês, pra gente fazer uma dinâmica de apresentação porque eu não conheço todo mundo. Tive a oportunidade de entrar em contato por meio do Leozinho né, que passou telefones; de um vizinho que indica: vai na casa do fulano, busca o

ciclano, ele tem coisa para contar, sabe contar história, vai atrás do Nelsinho, ele sabe contar da folia. Falaram do senhor, viu?! Que o senhor é contador de caso! (todos riem) Então eu queria convidar vocês para falar um pouquinho. Falar qual o seu nome, há quanto tempo mora aqui nesse Patrimônio ... contar: Dá onde é que vem essa história? Tudo bem? Então se o senhor quiser começar (fala direcionada ao capitão Nelsinho), pode ficar à vontade!

### Clipe 31

**Capitão Nelsinho:** Então, o negócio é que a gente tem que agradecer vocês porque vocês é que convidaram a gente, né. Agora a gente sente é não ter um, um [inaudível] para a gente dá ao serviço de vocês. O negócio de vocês é bonito demais, entendeu?

**Dona Nice:** Você tem que apresentar. Fala seu nome!

**Capitão Nelsinho:** Hã?

**Dona Nice:** Seu nome, sua idade. (risos)

**Capitão Nelsinho:** Ah, o meu nome acho que aqui todo mundo sabe! Meu nome é Nelsinho, mexo com a Folia de Reis já a 70 anos, certo? Já moro aqui, já quase uns 80 e uns punhado de anos também, certo? E a gente agradece vocês, é por isso, por vocês terem convidado a gente. Agora se eu tive campo, para eu falar assim: vamos, vocês pintam isso aqui para mim? Era bom demais, mas eu não tenho, certo? (risos do grupo) Obrigado, viu?

**Débora:** Imagina! Dona Nice ...

**Dona Nice:** Eu chamo Eunice, casada com o Nelsinho há 63 anos (risos e vibração do grupo), nós moramos aqui, eu devo morar aqui há uns 70 anos. Eu vim com 8 anos pra cá, morava em Matutina. Aí meus pais veio casar uma irmã mais velha, e aqui nós alugamos uma casa para poder ter onde dormir, né. Aí dessa casa nós ficamos e estamos até hoje. Meus pais foi lá e buscou a mudança e nós ficamos, casou os filhos tudo. Depois eles foram embora, faleceram, nós éramos 10 filhos agora estamos só em 4, né. Mas vamo levando a vida! E a gente ama muito esse Patrimônio, né. Porque a gente veio direto pra cá. Igual eu falei para vocês, aqui era tudo barro, era brejo, era terra que a gente enfrentou demais da conta. Mas hoje graças a Deus, Deus olhou para o Patrimônio e lá em vai só subindo. A gente não tá gostando muito porque eles tá colocando prédio demais perto das nossas casas (risos). Mas é progresso, né, nós temos que aceitar. Graças a Deus nós tamos aí, firme e forte!

**Débora:** Resistindo, né Dona Nice?

**Dona Nice:** É verdade!

**Débora:** Quem vai ser a próxima?

**Dona Mary Ivone:** Eu! (levantando a mão) Vai ser eu! Deixa eu falar!

**Sandra Izilda:** A Mary fala por ela e por mim.

**Dona Mary Ivone:** Eu sou mais nova sabe? (risos) Meu nome é Mary Ivone da Silva, eu nasci aqui no Patrimônio (emocionada). Eu estou com 69 anos hoje, eu nasci aqui (apontando com a mão a direção) nas casas populares, e nós somos 7 irmãos. Nascido tudo aqui. Minha mãe nasceu aqui, era irmã do avô dela (apontando com a mão para Priscila), nasceu bem aqui, nessa rua aqui (apontando com a mão a direção), e hoje ela estaria com 91 anos. E tem 3 anos que ela se foi e (emocionada faz uma pausa olhando para o chão), e nos tamos aí. E como a Nice falou sobre o progresso, a gente aceita, mas tirou a nossa liberdade, né, de bater caixa, de dançar ... festa em casa, hoje até nos domingos durante o dia se colocar uma música um pouco alta a polícia chega, o povo chama a polícia. Então o progresso acabou com a nossa liberdade porque aqui era um lugar que todo mundo era festeiro, né. Todo mundo gostava de festa! Como diz, o Reduto Negro, né. Aí tinha os bailes de sanfona no início, os casamentos, os aniversários, tudo era sanfona. E era aquele baile que amanhecia. Amanhecia! Depois veio a discoteca, passou a ser disco de vinil as festas, mas era tudo liberdade. A minha turma, a minha época por exemplo, foi a época do pick-up, quando saiu o pick-up não sei se você conheceu (risos). Era uma eletrola pequena, você conheceu? Não sei se vocês conheceram. Então a gente tinha uma pick-up porque tinha muitas casas que não tinha energia elétrica e esse pick-up era com pilha, né. Então a gente saía fazendo festa na casa de um, na casa de outro, aí chamava invasão as nossas festas (risos). A gente tinha a turma né, então tinha que aceitar a festa na sua casa. Cada dia era num lugar, nas férias então a gente dançava todos os dias. Aí chamava invasão, a gente chegava, tirava as coisas do lugar e ia dançando. Não adiantava a pessoa não querer (risos do grupo).

**Dona Nice:** É era tudo barro. (risos do grupo)

**Dona Mary Ivone:** É! Aí durante o dia, era férias, a gente ia pra casa onde a Priscila morava aqui, que era a casa do meu tio, era subir nos pés de manga, panhar goiaba. Porque a nossa vida foi assim, né, tudo natural, até maracujá a gente panhava na cerca de casa. Jaboticaba, goiaba, manga, tudo era natural. E assim a gente viveu a vida. E hoje estamos aí com o progresso, mas sem liberdade.

**Sandra Izilda:** E deixa a vida me levar!

**Dona Mary Ivone:** É! (riso tímido)

**Tiago Dequete:** Essas festas invasão, foram quando?

**Dona Mary Ivone:** Olha, era anos 1960, 70 ... 1960, 70.

**Débora:** E como eram as casas aqui nesse período?

### Clipe 32

**Dona Mary Ivone:** Olha, era tudo casa simples. Casa de pobre mesmo. (riso)

**Dona Nice:** As casas tudo a gente falava era o terreiro. Aí, é, se tava cheio de buraco, punha terra, jogava água, a gente pisava, amassava por cima, até que ele ficava lisinho. Aí em toda casa tinha uma varanda dessa, sem coberto, só o chão. Para a gente poder dançar ali.

**Dona Mary Ivone:** Ah mais a invasão era dentro de casa. Aí tirava as camas do quarto, a sala, tirava tudo. E a gente dançava! (riso) Olha, vinha o pessoal de Uberlândia inteira dançar aqui. O Patrimônio é um bairro que todo mundo falava, o Patrimônio foi muito falado, muito [pausa] muito discriminado. O Patrimônio foi muito discriminado, mas era o lugar em que o pessoal vinha. Sabe, se fazia uma festa, um casamento, tava todo mundo aí. E assim nós crescemos, dançando. Aí tinha a escola de samba, né, e tudo mais.

**Débora:** E dava muita gente nas invasões?

**Tiago Dequete:** Ah, isso que eu queria saber também. Quantas pessoas?

### Clipe 33

**Dona Mary Ivone:** É porque tinha um que ficava [inaudível] (risos). Aí dava 7 horas e já começava a se reunir, e chegava todo mundo. Era uma época que a gente não tinha dinheiro. Então pra comer a gente fritava batatinha, até a casca a gente fritava, sabe. Fazia, sabe ki-suco, aquele pacotinho pequenininho? Fazia o suco e jogava pinga lá dentro (todos riem). E eu até hoje eu gosto disso, eu não tomo cerveja, fico na cachacinha (riso). Era muito bom, viu?

**Dona Nice:** E o bom é que era muito alegre e não tinha briga, não tinha nada. Se um viesse falar do outro a gente brigava, defendia. Oh, não vai falar do fulano não. (Dona Mary ouve acenando sim com a cabeça).

**Dona Mary Ivone:** E tinha o Dia das Mães que a gente também fazia festa aqui. Arrecadava o dinheiro e fazia. Então foi uma época sabe, que a gente era muito pobre [clipe 34 inaudível].

### Clipe 35

**Dona Mary Ivone:** A gente não comprava sapato em loja, era feito por sapateiro. Então meu pai por exemplo, no congado, ele passava noites trabalhando a noite porque era ele que fazia os

sapatos de dançar o congado aqui, da gente que ia assistir, sabe? Eu até os meus 18 anos eu calcei sapato que ele fazia. Ai depois saiu as lojas, né, aí passou a ser concerto. A minha mãe era lavadeira, passadeira, era aquela pessoa que foi muito sofrida mas trabalhadora, tranquila. Então a gente ficava em casa, eu moro aqui no alto (apontando a direção com a mão), antigamente daqui você enxergava lá no morro oh, quando a pessoa começava a descer. A gente ficava vigiando, daqui a gente conhecia minha mãe lá no alto aí largava a casa aberta e descia correndo gritando: minha mãe, minha mãe (risos). Ai, ai, mais era bom!

### Clipe 36

**Débora:** E onde sua mãe trabalhava?

**Dona Mary Ivone:** Ah, era o dia todo. Assim ...

**Dona Nice:** Era cada dia em uma casa, mas a gente trabalha até no domingo, eu trabalhava até nos domingos.

**Dona Mary Ivone:** É, antigamente não tinha esse negócio de empregada doméstica.

**Dona Nice:** É, e eu me lembro muito bem, porque as mulher da cidade me contratava para poder ariar alumínio pra elas. Antigamente tinha aqueles [inaudível] cheinho de alumínio...

**Dona Mary Ivone:** as baterias, a gente falava.

**Dona Nice:** É, eu ariava numa casa depois ainda ia para outra, no domingo. Eu não descansava.

**Dona Mary Ivone:** Antigamente, a gente que era empregada doméstica não tinha folga. Era de domingo a domingo.

### Clipe 37 e 38

Conversas simultâneas, o grupo dá risada. Os participantes brincam entre si sobre quem será o próximo a falar.

### Clipe 39 a 41

**Priscila:** Eu sou Priscila, Priscila Freitas da Costa Chavier, eu sou prima da Mary. Eu tenho quarenta e um anos e desses quarenta e um anos que eu tenho de vida, trinta eu morei Patrimônio. Então eu costumo dizer que eu fiz tudo enquanto eu morava no Patrimônio. Nasci, cresci, tive meu filho mais velho, me formei, casei, tive a minha filha, que eu tenho mais nova. E tudo aqui! A minha filha não lembra tanto do Patrimônio porque quando eu mudei daqui ela tinha dois anos. Mas eles falando assim, eu estava lembrando. Engraçado que ontem eu fazendo

a unha, a menina me perguntou um negócio e eu falei: não, eu tenho uma reunião na terça-feira lá no Patrimônio. Ela falou: lá é onde você fala que morava? Porque lá onde eu moro é um condomínio, tem setecentas casas, mas lá não tem barulho, não tem, eu brinco às vezes que não tem gente. O Patrimônio sempre teve muita gente, a gente sempre foi muito próximo. Aí eu estava contando pra ela, não menina, lá nós éramos assim ó, novembro e dezembro a gente estava envolvido, janeiro, com coisa da Folia. Aí a folia vinha, junto com a folia, chegava o carnaval. E a gente estava nas coisas do carnaval, aí vinha a quaresma. Não fazia nada porque naquela época, a quaresma se respeitava. A gente ficava em casa e tinha várias histórias vinculadas a quaresma e a gente ficava em casa. Passava a quaresma vinha a festa das mães essas coisas, e a gente sempre envolvido com as coisas. E quando eu falo a gente era todo mundo, todo mundo ia na festa de todo mundo. Aí vinha festa junina, tinha fogueira nesse Patrimônio inteiro, levantava santo no Patrimônio inteiro.

**Dona Nice:** Eu ficava até sem voz de tanto rezar terço.

**Priscila:** Era, de tanto rezar. Era terço no fulano, terço no ciclano, na tia ... É igual quando o Nelsinho foi apresentar. O tio Nelsinho é o tio Nelsinho da folia, de sempre, de todo mundo. A minha tia, a tia Elsa, é minha e de todo mundo que morou no Patrimônio. Então assim toda minha história está aqui no Patrimônio, né, eu acho muito interessante a gente fazer, né, todas essas ações pra levantar. Lembro até hoje quando a gente começou, trouxe o ensaio pra cá [Terrerão do Samba]. O Patrimônio, eu tive toda a minha história, toda minha história de vida tá aqui, ela é aqui. Eu lembro o dia que eu liguei e falei, Douglas, vou fazer meu reinado e eu quero, eu faço muita questão de que ele seja lá, de que ele seja aqui, né, quero ele seja no Patrimônio, porque é o meu lugar. Apesar de eu estar fora daqui a gente ainda tem muito laço, muito vínculo né. Todo laço, todo vínculo está aqui, porque tudo é aqui. Tudo sempre foi aqui. Na minha casa tinha muita festa, e não era, assim, era muito comum no dia da festa, a gente pegava todos os meninos e a gente molhava o chão e colocava os meninos pra brincar em cima, pra terra assentar, na hora da festa não subir poeira. E eu fiz isso a minha infância inteira, e assim foi a que a gente sempre fez, e foi muito gostoso. Ser chamada de nega do pé vermei, você é do Patrimônio (indagação), as nega do pé vermei. É! Porque aqui é uma terra vermelha diferenciada de outros lugares da cidade. É algo que pra mim sempre foi muito gostoso e eu encho a boca pra falar: eu sou do Patrimônio! Eu fiz pós-graduação e o meu projeto de conclusão foi uma monografia sobre Patrimônio, o berço da cultura negra de Uberlândia, porque tudo né, tudo tá aqui. Então assim, pra mim, é muito gosto estar aqui, eu vejo assim que

com quarenta anos, eu acho que eu sou mais nova dos que falaram aqui, mas que tudo o que eles falaram, me remete a meu avô, a minha avó, a tia Fiinha, a minha própria tia Elza. A minha vó Carminha que não era de nenhum um movimento cultural, mas era avó de todo mundo. A vó Carminha que era da igreja, que a minha vó era da Congregação, mas era da igreja, que mesmo sendo da Congregação fazia questão que a gente fosse lá vestido de congo pra ela dá benção pra gente subir pra igreja. Fez isso a vida inteira, a vida inteira! Tanto que o Jeremias fez um livro que tem uma foto do meu filho mais velho com ela: a minha avó tá na cama toda na coberta, ela já estava bem velhinha e meu filho está sentado com ela dando a benção. Tem um livro do Jeremias que tem essa foto, o Jeremias Brasileiro, ele usou essa foto. Até na época ele falou, Priscila eu tenho que mostrar. Porque a vida minha vó na congregação, a vida inteira né, ela foi da Congregação...

**Dona Mary Ivone:** Não, não, não! (fazendo negativa com o dedo indicador)

**Priscila:** A vida inteira assim, desde que elas vieram pra cá, né (as duas concordam entre olhares). Antes não eram né, e aí quando veio pra cá minha vó foi da Congregação e a gente não era. A gente era do Congo, do carnaval, minha mãe era. E a gente tinha que ir lá, no carnaval minha mãe vestida de biquíni e tudo para desfilar, tinha que ir lá, porque a avó tinha que dar a bença. A bença da vó. Então assim, é muito gostoso participar de um projeto assim, me deixa muito feliz, muito feliz mesmo, porque ele remete a tudo de bom que eu já vivenciei até hoje na minha vida, né. É muito gostoso!

**Dona Mary Ivone:** A avó dela, a dona Carminha era benzedeira.

**Priscila:** É, né! (risos).

**Dona Mary Ivone:** Era, antes dela ir para a Congregação. Então todos os meninos que nascia ela que benzia, todos os meninos que nascia ela que curava o umbigo. Ela ia nas casas, nascia um menino, era ela que ia dar o banho até cair o umbigo, ela que fazia. Antigamente era curado com fumo e ... (azeite – o grupo completa a fala), né. Enquanto a criança não caiu umbigo, era todos os dias, ela chegava lá naquele horário para dar o banho. Não tinha preguiça. Então era uma pessoa muito carismática, que deixou muitas saudades, né, lembranças boas.

**Tiago Dequete:** Quando ela foi para a congregação ela já era mais velha?

Clipe 42 a 44

Descrição: imagens de Dona Mary e Priscila, fragmentos de diálogo sobre Dona Carminha que não foi possível sequenciar, isso porque o cinegrafista tirou o foco dos participantes e passou a fazer imagens do espaço. Capturas com sucessivos cortes.

Clipe 45

(risos)

**Priscila:** Você fala meu filho, eu digo doutor Fabricio.

**Sandra Izilda:** O doutor Fabricio! É o doutro Fabricio. É que eu tenho três [filhos].

**Tiago Dequete:** Ah, quero saber dessa história!

**Sandra Izilda:** É, o doutor Fabrício; tem um que é sargento do bombeiro ...

**Priscila:** o que é sargento do bombeiro é compositor ...

**Sandra Izilda:** compositor também, agora já é sargento, tem o mais velho que trabalha na área de segurança também, tem uma mãe lá que eu cuido que tem noventa e dois anos, é essa vida.

**Capitão Nelsinho:** Mas você tem um irmão também, né?

**Sandra Izilda:** Não, eu só tinha um, né. Ele faleceu há muitos anos. É o que era chefe de bateria da Tabajaras e tudo, né. Eu agora sou filha única.

**Capitão Nelsinho:** Onde vocês moram, é de vocês mesmo, né?

**Sandra Izilda:** É.

**Tiago Dequete:** Você usou o termo reduto na sua fala e eu queria perguntar para vocês, se vocês já faziam o uso desse termo. Porque é o nome do nosso projeto também, né?

**Sandra Izilda:** É porque assim, realmente é, eu falo o reduto porque tudo o que acontece, se é festa, se é tudo, né. Vamos lá no, né. E eu faço questão de estar divulgando quando tem festa, tem muita gente que conhece isso aqui também fala: Nossa! Eu estive lá. Quanto que vai ter mais? Mas agora com a pandemia realmente a gente ficou a pé, né. Eu falo que saudade que eu estou de sentar, né, escutar um samba de primeira né, Douglas? Muito bom.

**Dona Mary Ivone:** Essa palavra do reduto, é um termo novo pra gente. Assim, ele veio depois, né. Porque no nosso tempo não falava, porque era: Nossa, longe demais e não sei o que!

**Sandra Izilda:** Aqui de primeiro era os pé vermei e onde eu morava chamavam de cachorro sentado.

**Tiago Dequete:** Cachorro sentado?

**Dona Mary Ivone:** Aqui era dos lugar mais longe, mais longe da cidade. Se falasse que morava no Patrimônio (indagação), Deus me livre!

Clipe 46

Conversas simultâneas



Clipe 47 a 56

**Sandra Izilda:** Ela é parente de quem? (em direção a Dona Mary)

**Dona Mary Ivone:** Pois é! Eu tava aqui pensando ...

**Débora:** O quê? Quem é a minha família? Meu avô e a minha avó moravam aqui embaixo, quase Francisco Galassi com a Liberdade. Hoje é um prédio todo envidraçado, preto, lá. Dona Terezinha e Seu Eterno.

**O grupo em coro:** Ahhhh! (Débora começa a rir)

**Priscila:** Você tá vendo o tanto que é ...

**Sandra Izilda:** o Eterno é irmão da comadre Lázara e da comadre Francisca, os meninos meus afilhados. Pegava quando chegava no sábado, e tinha aniversário na comadre Lázara a gente ia pra lá nas festas. Era o ki-suco que não podia faltar, pão murcho e as pele. Porque era o que dava pra servir. E a gente dançava até te manhã, aquela beleza!

**Tiago Dequete:** Tenho que anotar essa do ki-suco. (Douglas da risada). Gente eu estou anotando tudo vocês estão falando, além de estar filmando ...

**Sandra Izilda:** Não, mais depois foi melhorando as festas. Lá em casa fazia muita festa. Quando era natal e ano novo, tinha aquele frango fritando ...

**Dona Mary Ivone:** É era frango caipira mesmo!

**Sandra Izilda:** Era. Eu tinha um ... o Nir, irmão lá da Edi, falava, colega tão te chamando ali, aí eu ficava conversando enquanto ele ia e roubava a coxa e vazava (risos). E a festa ia até de manhã, muita alegria, muita harmonia. Que hoje isso é muito raro, né?

**Dona Mary Ivone:** Hoje é muita drogas, essas coisas, né? Nós tradicional, a gente não tinha.

**Priscila:** É, festa hoje em dia não dura muito tempo sem ter briga.

**Capitão Nelsinho:** Sabe que tamanho era a sanfona? Desse tamanhinho, assim (demonstra com as mãos), pé de bode.

**Tiago Dequete:** Como é que é?

**Capitão Nelsinho:** A sanfona, era desse tamanhinho, assim (demonstra com as mãos)

**Dona Mary Ivone:** Pé de bode, era assim que chamava a sanfona.

**Capitão Nelsinho:** Era pé de bode. E dançava a noite inteira e ia até o almoço no outro dia. (risos)

**Dona Mary Ivone:** Saia tudo sujo, as mãos dos moços, dos rapazes... (todos riem)

**Sandra Izilda:** Pois é! Mas então você é lá do Seu Eterno ...

**Débora:** Sim, neta do Eterno, filha do Edgar.

**Dona Mary Ivone:** Filha do Edgar? Nossa! (leva a mão cobrindo a boca) Menina, seu pai era um moço tão bom. Tão educado com a gente. Que judiação o que fizeram com ele! (Débora emocionada, acena com a cabeça um sim)

**Débora:** É, ele se foi muito cedo.

**Sandra Izilda:** Mas você tem contato com a sua família ainda, com a comadre Francisca?

**Débora:** Com as irmãs do meu avô a gente tem muito pouco contato. Tenho mais contato com a minha tia Tânia. Ela agora mora ali no Santo Inácio, atrás da caixa d'água. Ela, minha vó, compraram lá depois que meu avô morreu e eles saíram daqui.

**Sandra Izilda:** Eu acho assim, a comunidade negra, não sei se deixou se levar por [...], porque eles foram espremendo, espremendo, as pessoas foram saindo, foram pra outros bairros.

**Dona Nice:** Ah, enquanto eu viver eu não saio daqui. Da minha parte, né?

**Priscila:** É difícil! Na minha casa eu fiquei 10 anos. Eu só vendi porque no fim eu não aguentava mais brigar, a briga que era. E vai morrendo começa a ter briga, entendeu? Quem fica ... lá em casa era minha mãe e meu tio, os donos do terreno. Aí meu tio tinha 4 filhos, 2 com uma mulher, 2 com outra. E a minha mãe, nós somos 3 irmãos. Aí meu tio e a minha mãe morreram muito próximo, diferença de três meses de um pro outro. Meu tio morreu em novembro de 2000 e minha mãe em fevereiro de 2001. Eu ainda fiquei, reformei a casa, a minha intenção era ficar. Mais aí começou: É meu! Eu também moro! Eu também isso! Aí meu irmão casou também, já começou falar de querer. Aí falei, gente, vamos fazer uma coisa? Tanto que quando eu vendi eles assustaram.

**Dona Mary Ivone:** É! Nossa!

**Priscila:** Ela ficou louca!

**Dona Mary Ivone:** Não, nossa! Eu fiquei louca, porque ...

**Priscila:** A Mary ficou louca, foi lá em casa conversou, mas assim ... eu mesmo fui lá pro outro lado da cidade, perto do aeroporto, porque na época eu queria comprar alguma coisa, não queria morar de aluguel. Então assim, o que eu passei, a maioria dos lugares vai vendendo por isso. Porque vai morrendo os mais velhos, e os mais novos começam a brigar querendo.

### Clipe 57

**Débora:** Capitão Nelsinho, o que significa a Folia de Reis pro senhor?

**Capitão Nelsinho:** Hã? (virando o ouvido em direção ao falante)

**Dona Nice:** O que significa a Folia de Reis pra você.

**Capitão Nelsinho:** Ah, muita coisa! A gente a gente foi criado ... quando eu comecei eu tinha sete anos. E aí o meu padraço, me chegou essa Folia, certo? Aí nós saía pra roça, nós cantava, ganhava frango, ganhava porco, certo? Aí fazia festa, né? E aí, aí muitos, muito tempo ele faleceu, me chamou berando a cama dele. Falou, ó, eu vou morrer, mas você vai tocar a Folia de Reis, até você morrer também. E por isso eu estou aí, esperando a doença acabar [pandemia da COVID-19] pra mim começar (risos).

**Sandra Izilda:** Eh, Seu Nelsinho, mais da saudade, né. Eu fiz um doce, ó pra você vê como as coisas (gesticula com as mãos, como quem diz que as coisas que conectam, se encaixam), eu fiz um doce de mamão, aí o Fabricio falou: Mas não tem doce de leite? Eu sei que ele lembrou da Folia. Foi comprar o doce leite. Ô mamãe, mas não dá pra pôr no copinho de plástico? (o grupo da risada) Falei, mas aí é demais, né. Porque a gente vai para a Festa de Folia, come, come, aí tem o docinho, né. É tudo de bom! É muito bom!

### Clipe 58

**Dona Nice:** Às vezes, gente de outra cidade, faz o voto lá, e vem cumprir na nossa Folia. Então, aí vem cumprir o voto, vou pôr o meu filho, vestir meu filho de anjinho, ou então eu vou [...] vocês me ajuda a cumprir um voto, que eu fiz pro meu marido que estava doente, aí eu vou andar três dias com a bandeira. Aí, junto com a Folia, né? Aí nós temos o affair da bandeira, e a pessoa vai três dias, andando junto. Aí acabou o voto, a pessoa fala assim: é venceu meus três dias Seu Nelson. Aí ele fala, então ajoelha aí, aí a pessoa ajoelha ele [Capitão Nelsinho] canta, agradece, pede a Deus proteção pra aquela pessoa. Aí ela pega e dá uma boa 'groja', isso aqui pra ajudar na festa (riso). E assim a gente vai recolhendo, quando é fé, a gente está com uma bela festa, e todo mundo divertindo, todo mundo com religião. Hoje em dia nós faz até a procissão, a gente vai rezando, cantando, geralmente sai da minha casa porque ele é o capitão, né? Então aí a gente sai da minha casa e vai lá pro poliesportivo. Antigamente era pertinho de casa, a gente fazia no grupo [escolar]. Só que aí, surgiu uma coisa lá que a gente não pode mais fazer no grupo, porque lá é de deficiente, então não pode. Mas aí já tem o poliesportivo e eles entende.

**Débora:** E quem puxa a reza?

**Dona Nice:** Eu! Eu sou cantora na Folia e rezadeira. Às vezes nós acabamos de chegar numa casa, e a mulher fala assim (mãos juntas em frente ao peito, em posição de quem reza): Vocês reza um terço pra mim pelo amor de deus? Eu já estou rouquinha. Aí eu falo assim, tá! Não,

mas eu quero é cantado (riso). E eu tenho que cantar, mas Santos Reis me dá força. E eu canto, e nós reza e fica até bonito (riso).

#### Clipe 59 a 61

Fragmentos de diálogos sobre o espaço onde hoje é o Terrerão do Samba. Não foi possível transcrever em virtude de sucessivos cortes na gravação.

#### Clipe 62

##### **Douglas Marcelino:**

O neto mais velho do Sô Adílio e da dona Marieta. Sobrinho da Dona Rosária, da tia Antonieta, né? E quem é que eu estou assim [...] e a minha mãe que é Dona Alzira. Das irmãs, foi a que foi pra São Paulo. E a minha tia Rosária, com a minha tia Cidinha é que morava aqui. Minha tia Antonieta, ela morava na casa dos patrões, ali na [avenida] Nicomedes. Trabalhava e morava na casa deles, lá. E a minha tia Rosário que tinha, ela adorava esse espaço aqui. As quatro na verdade, gostavam muito disso aqui, né. A minha tia Cidinha, ela levantava cedo e ela varria tudo isso aqui [apontando com o dedo o espaço do Terrerão] . Eu sinceramente, quando eu vim pra cá, eu via ela varrer e tal, quando depois ela não tinha mais condições e que eu fui varrer, já falei: caramba! Mas como é que ela consegue varrer tudo isso aqui? (grupo da risada) Deus me livre! Então ela levantava cedo e varria, juntava as folhas, punha fogo nos cantinhos e tal. E tranquila! Era sagrado pra ela [...] tanto é que, quando o pessoal cogitou, vou levar a tia Cidinha pra São Paulo, falei, ah não tem condições. Nasceu aqui, sabe? É aqui que ela tem que ficar.

#### Clipe 63 a 69

Fragmentos de falas do Tiago Dequete, sinalizando os sentidos que o artista constrói entre seu lugar de origem em Belo Horizonte e a narrativa do Patrimônio enquanto periferia negra. Não foi possível transcrever em virtude de sucessivos cortes na gravação.

#### Clipe 70 a 79

**Priscila:** Assim, eu acho que tambores e bandeiras não podem faltar. Porque tem os tambores que fazem a música, a Folia tem a bandeira e tem a música, o congado tem a bandeira e tem na

música, os times de futebol têm a bandeira e têm as charangas que têm a música. Então tambor e bandeira eu acho tem que ter sim ...

**Dona Mary Ivone:** É essencial.

**Priscila:** Isso! É essencial pra falar da história do Patrimônio. Não tem como fugir, né.

[conversas simultâneas/ corte na gravação]

**Priscila:** O tio Nelsinho da Folia, gente. É o tio Nelsinho da Folia. Assim, o Nelsinho é seu tio? Não! Mas o Nelsinho é o tio da Folia.

**Tiago Dequete:** (risos) Tio Nelsinho. [anotando o nome em uma lousa branca onde já está escrito: Reduto Negro; Tambor + bandeira; Mestre Lotinho (Tabajara); Pé de Ferro do Pandeiro]

**Sandra Izilda:** Ah, mas outra imagem importante seria um muro do Pena Branca. Precisa também falar do Charqueada.

**Priscila:** É, se fizer o vô Charqueada a gente envolve o congado.

**Sandra Izilda:** É, o congado, exatamente. [conversas simultâneas/ corte na gravação]

**Priscila:** Ó, mas porque é que eu tô dando tanto nome? [Dequete anota na lousa: Futebol/ Renato]. Vou contar rapidinho uma experiência pessoal. Eu sou jornalista formada desde dois mil e três. Eu sempre comecei a escrever várias coisas daqui, mas eu nunca dei prosseguimento. Eu passei a fazer isso dos uns tempos pra cá. O dia que o Lotinho morreu eu escrevi para um site chamado Cultura Preta. E eu liguei pro menino para escrever uma matéria sobre o Lotinho. E quando eu estava escrevendo, eu me senti bem mais, assim, podia ter feito antes. A gente espera muito morrer pra homenagear. O Charqueada mesmo, se a gente procurar tudo que tem de registro dele não tem nem uns 5, 6 minutos de gravação. É ele é referência da congada.

**Sandra Izilda:** É. É verdade!

**Priscila:** Assim a gente espera, ai, entendeu? A gente espera morrer. A minha mãe morreu muito nova, morreu com quarenta e cinco anos, muito nova. E aí, tipo assim, é tudo tão rápido, às vezes...

**Dona Mary Ivone:** [inaudível] da Tabajara.

**Priscila:** Ela por exemplo, ela recebeu homenagem. Eu já recebi várias homenagens pra minha mãe em memória. É gostoso, é bom ver pessoas lembrarem dela e tudo, mas eu acho que pra ela teria sido muito bom ter recebido.

**Sandra Izilda:** Em vida, né.

**Priscila:** Então assim, em vida eu acho que é bom. Você pensa pro Seu Nelsinho que bom que vai ser. Por exemplo, a minha mãe tem uma rua lá no Shopping Park com o nome dela. Pra mim é muito gratificante...

**Tiago Dequete:** Que legal!

**Dona Mary Ivone:** Eu não sabia! Eu não sabia...

**Priscila:** ver que tem rua no nome da minha mãe lá no shopping Park, mas essas homenagens poderiam ser feitas em vida. Então assim, às vezes eu acho que é interessante a gente nominar sim, entendeu? Por isso que às vezes eu estou dando uns nomes assim, bem ... (risos).

**Tiago Dequete:** É isso. Obrigado! Obrigado!

**Sandra Izilda:** Eu acho assim, perde aquela, né. Eu quero lembrança em vida. [acenando com a cabeça para o Capitão Nelsinho].

**Tiago Dequete:** E a Tia Elza?

**Priscila:** É... assim, a tia Elza ... assim, a minha família do lado da tia Elza, assim, a tia Elza é uma ... assim, não sei! Ela é uma figura que todo mundo conhece aqui no Patrimônio, mas ela não é das manifestações culturais, por causa da igreja, né. [conversas simultâneas e risos] Era, a tia Elza ia com a tia Fiinha pros forrós (risos).

**Dona Mary Ivone:** Assim, eu acho importante ter um desenho de uma pessoa chegando assim, com a caixa de som debaixo do braço...

**Sandra Izilda:** É assim, a caixa de som, a varanda da casa, né.

**Dona Mary Ivone:** Geralmente quem chegava com a caixa era meu irmão, o som era nosso, era meu irmão que tinha. [corte na gravação]

**Débora:** Invasão eu acho ótimo! [Dequete anota o último item do briefing na lousa]

**Tiago Dequete:** Invasão é ótimo!

### Clipe 80

Imagens de todos em volta da mesa do café.



Mural - Pé de Ferro

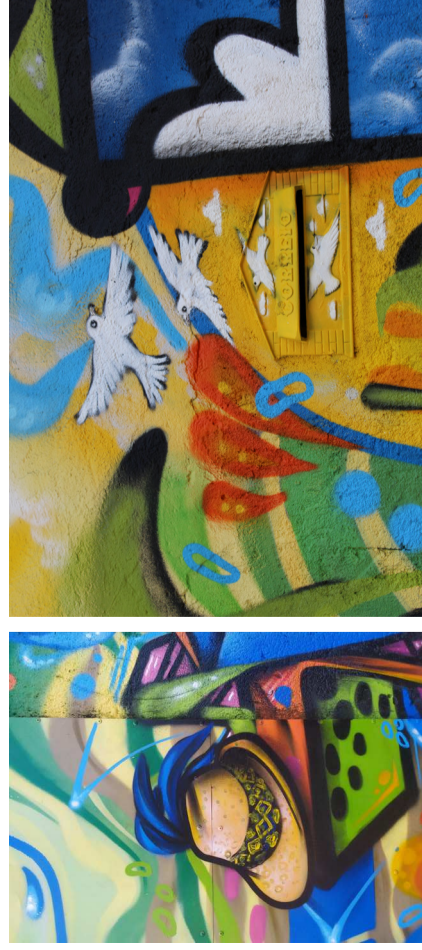
#### Histórias por trás da tinta...

Este mural conta sobre referências do Patrimônio em diferentes tempos e formatos. Em primeiro plano, Pé de Ferro. Figura ilustre do bairro, o boêmio João Maria não viveu todos os seus dias navegando em mares de samba, congo e futebol. Sendo este último a lhe consagrar com o apelido Pé de Ferro, em reconhecimento a firmeza do dribble, descalço, no campo que era um "terreiro". Memória que representa, genuinamente, a festividade e alegria do povo deste lugar.

O cenário traz ainda dois marcos dos processos de vivência e resistência nesse

Reduto Negro. O Terreirão do Samba que desde 2011 surgiu como espaço para abrigar a latência festiva da comunidade e o Cruzeiro, marco religioso da fundação do bairro.

Em outros tempos, os moradores do Patrimônio, faziam procissões carregando copos, bacias e outros utensílios cheios de água para debruçar aos pés do Cruzeiro. A caminhada, embalada por cantos e rezas, carregava o pedido fervoroso por chuva. A água para a lida na casa, naquele tempo, era aparada dos telhados. O Cruzeiro foi destruído após ser atingido por um raio entre os anos de 1950-1960, mas é memória viva dentro dos corações dos mais antigos.



O **circuito de arte urbana Reduto Negro** dá forma e expressão a uma releitura do bairro Patrimônio. A proposta pretende colaborar para o resgate da cultura negra que está em sua formação e para a ressignificação das casas dos remanescentes.

O desenvolvimento criativo e layout das obras contou com a colaboração da comunidade em um processo de invenção de novas cartografias afetivas, reconstrução de vivências e pertencimento; tendo como fruto a elaboração de 7 murais temáticos assinados por Dequete. Painéis que se somam a outros 3 murais feitos de modo independente pelo artista.

O Circuito Reduto Negro é ainda um convite a ampliação de olhares sobre Uberlândia. Inaugurando a proposta de Graffiti Tour - visitas guiadas para grupos interessados e/ou escolares - na busca por (re)conhecer, para além da história oficial do município, sua memória afetiva. Histórias que só existem ao se considerar a cidade vivida e experienciada; o cotidiano, as pessoas que movem e fazem viver a cidade que é sua.

## CIRCUITO DE ARTE URBANA

# REDUTO NEGRO



Num relato da jornada dos Três Reis Magos, as Folias de Reis (re)escrivem caminhos que buscam partilhar a fé e a esperança das boas novas. Os percursos construídos se entrelaçam ao som da viola, aos cantos e rezas. Patrimônio Cultural de Minas Gerais, o Reisado é tradição familiar que acolhe todos os que queiram se achegar. E é esta história que este mural pretende contar. Uma singela homenagem da comunidade, que tomou forma através das cores de Dequete, ao Capitão Encernico. O *"Tio Nerçin"* como é chamado por todos no bairro Patrimônio.

Este mural surge a partir do desejo de que os protagonistas das diversas expressões da Cultura popular e que tem suas trajetórias ligadas ao território do bairro Patrimônio, possam ser homenage-

ados ainda em vida. Capitão Nerçin conduz a Folia de Reis Pena Branca a mais de 60 anos. Assumiu a responsabilidade de perpetuar a tradição da família quando era menino.

História que se conecta ainda aos caminhos de Pena Branca e Xavantinho. Moradores ilustres do bairro Patrimônio, essa dupla estourou no Brasil marcando a história da música sertaneja raiz. Suas canções foram trilha sonora da vida de muitas pessoas no país e aqui contam uma bonita memória do bairro. Pena Branca foi o Segundo Capitão, durante 15 anos, da Folia de Reis conduzida por Capitão Nerçin. Após sua viagem/partida na busca por construir uma carreira musical, Capitão Nerçin nomeou a folia em sua homenagem. Por isso, o rosto dos dois soma-se ao lado do nosso querido capitão.

### Mural - Capitão Nerçin



### Mural - Tambores e bandeiras

Elementos comuns as escolas de samba, aos ternos de congado e aos times de futebol, marcos simbólicos dos seus moradores, um dinossauro pintado por Robinho. Em movimento de diálogo e respeito aos marcos de presença no espaço do bairro, a pintura pré-existente ganhou uma releitura, e tornou-se parte integrante do mural.

Considerando que há diversas manifestações da cultura negra, e que estas ultrapassam os limites territoriais, ao se pensar a diáspora, o mural Invasão ilustra em Verde Laranja e Azul a relação que o artista constrói: um encontro simbólico entre participantes da *"Back To School Jam"* no Bronx, EUA e as festas Invasões promovidas pelos moradores do bairro Patrimônio. Na primeira, promovida pelos irmãos DJ Kool Herc e Cindy Campbell, em 11 de



### Mural - Invasão a festa



### Mural - Mestre Lotinho

Arlindo de Oliveira Filho foi um grande representante da cultura negra em Uberlândia. Amante da música, Lotinho segundo seu filho Eurípedes Passarinho, foi muito inspirado pelo cantor carioca Jamelão e a Orquestra Tabajara. Razão pela qual batizou a escola de samba que fundou em 1954 como Escola de Samba Tabajara. No mural, as folhas e frutos do jamelão fazem alusão a esta memória.

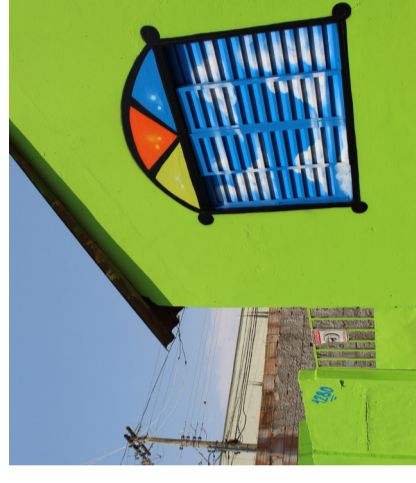
Lotinho foi o primeiro negro a se apresentar no Uberlândia Clube, numa

época em que a entrada dos negros era vetada no local. Como cantor profissional, Arlindo se apresentava em diversos locais incluindo o clube José do Patrocínio, mais conhecido como *"Caba Roupa"*, um lugar onde os negros se reuniam para cantar e dançar.

O mestre descansou em 2021, aos 85 anos. A pintura foi feita no muro de sua residência, onde hoje vivem seus filhos.



### Mural - Janelas de esperança



Essa é a casa de Tia Elza, como é chamada por todos no bairro. Ela que conta com orgulho sobre seus quase 80 anos de vida, ficou com olhinhos marejados ao saber da intervenção. Dona Elza é mulher cristã e de muita fé. Nós em respeito à sua religiosidade optamos por uma intervenção singela. As janelas pintadas por Dequete são para o artista símbolos de esperança. Esperança que se traduz no desejo de que as memórias deste Reduto Negro não se percam.



### Mural - "Pé Vermel"

Homenagem aos times formados no bairro e os jogos no "terrão".

**VIVA MESTRE LOTINHO, BAMBA DO SAMBA!**



